

**WUNSCH**

Nova série  
Número 7  
Janeiro 2008

**O passe na Escola**

Boletim internacional da  
Escola de psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

**Editorial****Quarenta anos depois da Proposição de Lacan... o passe ainda**

Maria de los Angeles Gomez  
Membro do CIOE - Zona ALN Fórum de Porto Rico

Dois eventos marcam este período de nossa atualidade internacional: a publicação neste número 7 de *Wunsch* dos textos da jornada europeia de 6 de outubro, sobre o passe, e a publicação iminente do volume preparatório do V Encontro internacional cujo sumário aparece na rubrica que lhe é consagrada adiante. Este volume, que agrupa textos das diferentes zonas, permitirá à nossa comunidade continuar refletindo sobre o tema do tempo, a partir de referências comuns, favorecendo os intercâmbios que se realizarão em São Paulo.

A Jornada de 6 de Outubro: há exatamente 40 anos, Lacan apresentava uma proposta que ia marcar de maneira inédita a direção da formação analítica, pondo em jogo um dispositivo do qual os efeitos marcariam radicalmente a maneira de pensar e de assumir a posição analítica e a maneira de fazer “funcionar” uma Escola de Psicanálise.

Durante estas quatro décadas, esta proposta não cessou de levar a decisões, da mais íntima singularidade dos que optaram a se submeter à experiência do passe, como as Escolas que escolheram fazer do passe um dispositivo fundamental do seu funcionamento. Há numerosos textos, testemunhos e encontros que dão conta dos avatares e dos impasses da implantação do passe na história das diferentes escolas fundadas por Lacan e das que se inscrevem na tradição de sua herança. Há textos de passantes, passadores e membros dos cartéis do passe.

Desde o Encontro Internacional de 2000 “Passes e impasses na experiência analítica”, até a Jornada Europeia que acaba de realizar-se em outubro de 2007, a

Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano sempre refletiu a respeito das condições que tornam possível o passe como dispositivo crucial do seu funcionamento. Desde que os dispositivos de Escola começaram a funcionar durante estes últimos anos na França, na Espanha e no Brasil - permitindo que a experiência do passe seja possível para os colegas destes países, mas também para os de outras zonas como a América Latina do Norte que não conta ainda com os seus próprios dispositivos - é essencial tirar lições desta experiência.

Sob o título “*La passe j’y pense, mais...*”, a Jornada Européia da EPFCL permitiu a apresentação de uma variedade de trabalhos que reúnem testemunhos pessoais, elaborações teóricas e reflexões sobre os avatares do seu funcionamento. A qualidade dos trabalhos apresentados tem como denominador comum o esforço de manter aberta e viva, 40 anos depois, a referência à Proposta sobre o passe: o que se mantém, o que muda, o que não deve mudar, o que cria impasse e o que do passe permite vincular a dimensão do particular com o trabalho da Escola.

Considerando a pertinência, o vigor e a diversidade dos trabalhos apresentados nessa jornada, o CIOE propôs fazer deste número de *Wunsch* o veículo para que a comunidade analítica dos fóruns e da Escola tenha acesso às reflexões desta Jornada. Estes trabalhos constituem também um convite a interrogar sobre as maneiras pelas quais a pergunta do passe se coloca para cada um: para os que já têm feito parte desta experiência, para os que têm intenção de passar por ela, e até para estes que – talvez por serem recém-chegados - a pergunta do passe é ainda uma pergunta que pareceria não lhes concernir.

No cenário mundial da nossa Escola ainda jovem - onde os fóruns formados principalmente por analistas que têm longos percursos de trabalho contrastam e coexistem com outros fóruns compostos, sobretudo por jovens que descobrem a orientação lacaniana, sem a referência do seu peso histórico, é fundamental apoiar os princípios de iniciativa e de solidariedade como os eixos vivos da nossa comunidade. A referência a estes princípios reforça a implantação dos dispositivos de Escola: passe, cartel e controle que vinculam, de acordo com a sua função, a vertente específica e a vertente comunitária da relação com a causa analítica.

O reconhecimento das diferenças geográficas, históricas, lingüísticas e políticas, assim como os contrastes e temporalidades na formação que marcaram desde a sua origem a Internacional dos Fóruns deve continuar sendo a pedra angular e a força dos dispositivos de uma Escola sempre por vir. É uma aposta em uma Escola que quer estar à altura da herança na qual se inscreve e ser também capaz de sustentar as condições que tornam possível a reinvenção da psicanálise.

Tradução de Jairo Gerbase.

## **O PASSE, PENSO NISSO, MAS... O ato de se apresentar ao passe**

Jornada Européia sobre o passe Paris, 6 de outubro de 2007.  
Os textos são apresentados na ordem do programa da jornada.

### **A virada do passe**

Marc Strauss

«A análise se sustenta no que o sujeito ganha por assumir como de sua lavra seu discurso inconsciente»<sup>1</sup>.

Como sempre, quando se trata de um tema interessante, é preciso selecionar o que se teria a dizer sobre isso. Partamos então do tema, ao pé da letra, deste enunciado que me é imposto por um outro, o outro da Escola: «O passe, eu penso nisso, mas...»

Este enunciado, vocês observaram, como eu, não é senão uma frase interrompida. De repente, maravilha ou maldição de automatismo da cadeia linguageira, segundo os gostos de cada um, quer seja Schreber, ou não, não há meio de não prolongar esta frase, de não pensar em uma seqüência, para obter uma frase completa, que complete o pensamento. Qual seqüência?

Observemos, para começar, que o passe, quando se pensa nele, não se pode fazer grande coisa: quer se possa continuar a pensar nisso e não fazê-lo, seja podendo-se fazê-lo. Pode-se também esperar algo ou nada disso; esperar coisas, em número, aliás, limitado: uma nomeação ou um saber. Deixemos de lado os « casos limites » que, como todos os casos limites, são francamente patológicos, de um estilo do qual se pode esperar desordem institucional.

Além disso, por causa do « mas » em nossa frase do título, pela objeção que introduz as proposições que a completariam não são em número ilimitado.

Entre aquelas que são possíveis, que aqui não declinarei, há uma que suponho prevalente para hoje e que se enuncia assim: « Penso nisso, mas não o faço, ainda que eu espere algo disso ».

Esta formulação nos interroga porque impõe, imediatamente, àquele que tem este pensamento, uma questão em retorno, como vinda do outro. Esta questão, seguramente, é: «... e então, por que eu/você não o faço/faz?» O sujeito interrogado assim, por si mesmo, não pode deixar de responder, inclusive de justificar-se. Com efeito, uma certa lógica, que eu diria do bom senso, neste momento – gostaria de pensar nisso –, de esperar que algo conduza a se dar meios de fazê-lo. Mas, justamente, toda a questão está aí: quando e como se saber, primeiramente, que se tem esses meios e, segundo, como se saber que se quer passar ao ato? Com efeito, pode-se, de fato, pensar que se tem os meios de fazer algo e não querer fazê-lo. É mesmo bastante freqüente, graças a Deus...

1/ Para os meios: sabemos, há tipos de « fazer » que se autorizam de uma aprendizagem, ou de um diploma. Neste caso é, com efeito, o outro que nos diz que podemos nos lançar; segundo as ações consideradas, mais ou menos rápido, mais ou menos acompanhado, mais ou menos a aperfeiçoar. Mas há casos nos quais é impossível, onde o outro não pode dizer quando e como passar ao ato, no qual o outro não pode permitir, onde a autorização do outro não tem valor de garantia. O que não quer dizer, observo *en passant*, que tenha toda uma importância para o sujeito que nos ocupa presentemente, a saber, o fato de se engajar no passe, o que não quer, no entanto, dizer que essas atividades sejam impossíveis de interditar...

---

<sup>1</sup> J. Lacan, Remarque sur le rapport de Daniel Lagache, Ecrits p. 680.

Essas atividades ditas impossíveis são bem conhecidas: ensinar, governar, psicanalisar; acrescentemos aí atos que nos dizem respeito também: falar, copular, fazer crianças e... fazer o passe.

Já que não é do outro que vem a autorização que permite passar do « penso nisso » ao « portanto, o faço », tomemos a questão por outro lado. Perguntemo-nos o que nos detém, o que não nos retém ou nos impede de agir, mesmo que não haja nenhuma regra para caracterizar o momento possível da passagem ao ato e autorizá-la. O que objeta o « Penso nisso, eu o faço e espero algo disso », que é uma formulação ideal, onde vemos as afinidades com o supereu. O supereu que não conhece limite, nem o limite temporal, o que supõe ultrapassar um limiar, – ver para isso o tempo de suspensão do apólogo do tempo lógico –, nem o limite na exigência de gozo além do prazer. Supereu que não se priva de zumbir nos ouvidos do sujeito ; « Bem, então vá aí, espécie de... » e eu deixo para vocês imaginarem o resto.

Quais são, portanto, as razões de não se ir aí ? Estas podem ser :

1/ A sabedoria ou a clarividência: «Eu penso nisso, mas... prefiro esperar ; sei o que esse não é o momento ». De repente, nova questão imediata: como se pode saber que este não é o momento e, mesmo, que é impossível saber quando é o momento? A resposta é bastante simples, parece-me: pensa-se nisso, no passe, mas tem-se, também, sobretudo, outras coisas para se pensar. Nos seus sintomas, por exemplo, isto é, em sua análise. O passe pode esperar, há coisas mais urgentes.

E, se porventura, fazer o passe tem a ver com o sintoma, caberia ao analista levá-lo para o que se chama o lugar do trabalho analítico.

2/ A inibição, que não se reduz à covardia, não descontenta o supereu : « Penso nisso, mas tenho um pouquinho de medo... » Proposição que se prolonga para: » Tenho um pouquinho de medo e portanto, há uma boa razão de ter muito medo do que se esconde lá atrás. Então, ver-se-á mais tarde ».

Se o sujeito pensa que ele tem uma boa razão de ter medo, mesmo se ele não sabe qual, vamos considerar logo, sem muito exame, que ele tem razão. Ele tem razão, pelo fato mesmo de imaginar uma ameaça. Este medo pode, aliás, perfeitamente dar um elã suplementar ao trabalho de elucidação.

3/ Protesto: «Eu penso nisso, mas quero fazer outra coisa». «Outra coisa que não o que me demanda, o outro que é a Escola. Por que não mostraria eu a este outro que eu o amo verdadeiramente e que diz respeito a outra coisa além deste prazer tão limitado. Uma anorexia do passe, de alguma forma.

Avancemos. Qualquer que seja a frase com a qual eu tenha completado o “penso nisso, mas...”, e que traduz sabedoria, inibição ou protesto, esta frase põe em função um outro. Na sabedoria, o outro que sabe, mesmo que este outro seja o sujeito tal qual ele próprio se imagina, mais tarde; na inibição o outro assustador; no protesto o outro do amor.

Detém-se, pois, sem necessariamente se interditar definitivamente, fazer o passe em nome do outro. Qual é este outro?

É aí que eu chego ao coração da minha proposta. Desses outros, existem dois. E a passagem de um ao outro destes dois outros é o que me parece ser a virada do passe.

O primeiro outro, de antes da virada do passe, é aquele de todo mundo. É aquele da demanda ordinária, aquele que nós somos acostumados a relacionar às suas primeiras figuras, o Outro parental. O Outro ao qual se supõe o desejo do falo como razão de sua demanda. A este outro é remetido o poder último, aquele de julgar, para condenar ou absolver, justificar ou invalidar a existência do sujeito. É aquele com o qual vão se colocar em cena, se atualizarem – transferência –, as diferentes soluções que o sujeito inventou para se guiar sobre este lugar do falo. Para fazer referência à Freud, que não ignorava esta dualidade do outro, é aquele que ele chamava o objeto libidinal sexualizado. Em particular, no seu texto “A psicologia do escolar”, ele interroga a passagem da primeira posição, a suportada pelo mestre escola enquanto substituto libidinal do pai decepcionante, à segunda posição, a dessexualizada. Toda a dificuldade nesta questão sendo, certamente, a de manter nesta passagem o interesse pela matéria estudada, apesar da dita dessexualização da relação ao mestre. De fato, Freud nos mostra que esta dessexualização é só aparente, que ela está recalcada e que pode fazer retorno no sintoma.

Existiria, então, um outro Outro, um interlocutor de uma escola, o outro, para não dizer uma verdadeira escola, uma escola na qual o saber está, verdadeiramente, dessexualizado - para dizer com Freud - ou o saber não seria um avatar do falo e, portanto, do poder - com Lacan?

Este Outro, é possível aceder-se a ele, segundo Lacan, e até mesmo criá-lo, porque nada diz que ele existe antes da operação de desfalicização do desejo que é o percurso analítico. Esta verdadeira escola é, evidentemente, a escola analítica, na medida em que somente ela é o lugar no qual se pode registrar e se elaborar uma tal mudança do Outro. Para enunciar uma fórmula, eu direi que na virada do passe, não é tanto o sujeito que mudou, mas é o Outro ao qual ele se endereça. E é bem esta mudança do Outro que fará aparecer o sujeito na sua vacuidade constitutiva.

Repito, o Outro depois da virada, é o Outro da Escola, o Outro que é a Escola, isto é o conjunto dos dispositivos que os psicanalistas se dão para trocar idéias sobre as suas interrogações e suas elaborações sobre a psicanálise.

E insisto, os dois Outros demandam, porque há também uma demanda da parte da Escola, já que há uma oferta de passe que solicita o psicanalisante, só pelo fato de existir. Mas é o objeto da demanda que mudou.

Essa virada, imprevisível porque impensável, na medida em que a demanda era sustentada pela fantasia e sua visada fálica, o sujeito, pode lhe dar um nome. Mais exatamente, ele pode pensar que o que lhe acontece corresponde a este nome de passe que Lacan deu a um momento particular da análise. Mas, como sabê-lo sem se arriscar? Sem se arriscar a colocar este pensamento e a designação desta experiência à prova da palavra? Eu digo prova da palavra, porque já que o sujeito está sozinho para pensar alguma coisa, sem que um retorno deste pensamento

signifique, acuse a recepção, seus pensamentos não têm mais valor que as alucinações, tais como as do *infans* freudiano e inclusive as de Schreber. O retorno pode ser: sim, não, ou não sabemos. No pior, nos dois últimos casos, é uma oferta de troca malograda, mas não um julgamento último sobre o ser do passante. E não há outras ocasiões de troca analítica na escola, além do passe. Mas isto não quer tampouco dizer que essas ofertas se equivalem e que ele poderia, muito bem, não ter mais a oferta do passe. É, de fato, essa oferta de passe que dá aos outros dispositivos seu sentido – e sua garantia – de trocas analíticas.

Mas essa virada não é o fim. Por quê? Porque, justamente, o estatuto do sujeito não está ainda modificado por essa mudança do Outro. Não é porque o Outro - que dissemos sexualizado, que deteria as chaves da autenticação fálica - se apaga, ao mesmo tempo em que se revela a inanidade da queda fálica, que o sujeito deixa de pensar. E deixa de querer coisas na e para a sua vida.

E como seus pensamentos e suas vontades, por não estarem mais a serviço “falacioso” do Outro, não lhe são por isso, transparentes, ele não esteja, mais ainda, levado a querer saber o que quer, saber o que diz, o que querem dizer os seus pensamentos, para alcançar assumi-los como seus, daí a minha citação como epígrafe. O sujeito pode, portanto, ainda e mais facilmente do que antes, fazer de seus pensamentos associações livres.

Prosseguir sua análise depois da virada do passe é, pois, sempre, e ainda, associar é, portanto, sempre interrogar o encadeamento dos pensamentos que não cessam com o passe, é dizê-los e dizê-los a alguém, qualquer um que seja. Alguém reconhecido como tendo, mesmo, um saber fazer com o material associativo. Saber acompanhar, guiar, esclarecer o sujeito sobre o que dizem dele, suas associações.

Transferência, ainda? Por que não? Mas não sobre o Outro do julgamento último que não tem mais vez, mas o Outro que, em homenagem ao dito primeiro Lacan, eu chamaria de reconhecimento. Um reconhecimento que não é mais aquele da promessa fálica, mas da fala endereçada e da lógica que a constitui. No mínimo, o que não é nada, é o reconhecimento de um “Tu dissestes” Eu não excludo que se possa ter algum reconhecimento por quem soube te guiar até este ponto e pode, oportunamente, continuar a te ajudar a elucidar o desejo do qual tu és sujeito, quando por acaso, este desejo te leva a situações inesperadas, incompreensíveis ou por demais desconfortáveis.

Aqui poderiam se colocar desenvolvimentos sobre o objeto *a*, na medida em que o analista persiste em causar o desejo depois da virada do passe. Um objeto ao qual o levantamento da cobertura fálica dá acesso enquanto causa verdadeira do desejo do sujeito. Em particular e antes de tudo, porque ele está na saída dos pensamentos, ainda que sendo impensável, vimos isso no ano passado. Este objeto faz dizer, no sentido em que ele faz falar, e também no sentido em que ele transmite a sua mensagem de existência ao sujeito, através das palavras deste mesmo sujeito. Não é a questão de hoje, ela poderia ser tratada sob um outro título: o passe, nisso pensei e o fiz. Talvez no momento de uma outra jornada sobre a Escola.

Tradução de Sonia Magalhães e Denise Lima.

## **Espera, deriva, retorno**

**Eduardo Fernandez**

As reticências que cada um encontra no ato de apresentar-se ao passe são diversas e múltiplas. Falarei da minha experiência. Suponho que nesta existem elementos comuns e generalizáveis, e um muito específico.

Em junho de 2003, dois anos após ter terminado a análise apresentei-me ao dispositivo do passe; durante o sorteio, dois passadores me foram atribuídos.

Muito tempo depois, não tinha apresentado o meu testemunho. Recebi uma chamada de uma das pessoas responsáveis do cartel do passe que me informava que o prazo para fazer o testemunho terminava e respondi-lhe que renunciava. O momento tinha passado.

Tal espera, além de uma tendência própria a esta, merece ser considerada em seu processo.

### **A espera**

Quando decidi me apresentar ao passe, considerava, além do interesse geral que tem o passe para a psicanálise lacaniana e para nossa escola, dois motivos próprios. De um lado, verificar que o meu processo de análise tivesse chegado a um limite possível e suficiente; de outro lado, contribuir para pensar e desenvolver, na medida das minhas capacidades, o campo lacaniano, como campo do gozo em relação aos discursos.

Quando Colette Soler apresentou no Rio de Janeiro sua proposta de campo lacaniano, senti-me muito consolado e aliviado das dores provocadas pelo processo no qual a nossa comunidade psicanalítica encontrava-se submergida.

Parecia-me que a sua proposta dava uma forma ao que sempre tinha desejado para a psicanálise.

Suponho que apresentar-se ao passe implica geralmente um cálculo das perdas e lucros. No meu caso a não nomeação não implicava risco de uma perda de notoriedade que eu não tinha. No caso de não, interrogava-me se o cartel devolveria alguma coisa que me questionaria sobre o que eu ia fazer. Se retomasse a análise, teria outras maneiras de elaborar. No caso de uma nomeação, a questão se complicava: para qual esforço de formação e de transmissão eu me sentiria empurrado?

Por outro lado, a minha tendência a dar aulas favoreceria uma elaboração ou pelo contrário uma tendência à ênfase?

A falta de estabilidade na comunidade de trabalho espanhola me conduzia a pensar o passe como uma maneira de evitar me embaraçar nos conflitos desta. Sem dúvida, a estabilidade da comunidade e a confiança nesta são condições não negligenciáveis para a generalização do passe.

O tempo de preparação do testemunho supunha a organização e a resolução de alguns assuntos, mais centradas no tempo posterior à análise que no do processo de análise: o inevitável caráter sintomático das saídas aos impasses que a não relação sexual comporta, a necessidade de passar pelas relações sociais, certos traços do gozo auto-erótico e a função da escola neste, a efetuação prática da transformação da relação com o pai, a revalorização do sintoma pai, as razões para se prestar como sintoma para o analisando, etc.

Mas havia uma questão que continuava a me interrogar: como era possível uma humilde letra minúscula articulada com outras dar forma aos significantes do gozo que haviam ordenado minha vida. Era um delírio interpretativo ou um delírio do inconsciente? As provas não equívocas da existência do inconsciente não faltavam, mas tal poder de determinação era difícil aceitar. Consentir com aquilo, aceitar-se radicalmente como falasser, comportava a alegria de uma libido mais disponível. Uma das conseqüências foi perder o interesse subjetivo de verificar a minha própria análise. O fato de apresentar-se ao passe perdia esta motivação de verificação e com esta o que implica autorizar-se para os outros.

### Deriva

Para entrar na dimensão do campo lacaniano é necessário referir-se a uma deriva determinada.

Ao mesmo tempo, devia tomar conta dos negócios e finanças familiares. Não vou fazer referência às mudanças subjetivas operadas por esta nova situação, assinalo especialmente a sua amplitude considerável. Deter-me-ei, no entanto sobre um encontro inesperado.

A nova perspectiva me levou a me informar sobre o funcionamento prático das finanças, situado num elevado grau de internacionalização.

A introdução nestes negócios se produziu a partir de um ponto de vista incomum neste mundo. Para resumir falarei de uma perspectiva “dos discursos” através de um interesse pelas leis que controlam a economia capitalista. Tal interesse tinha, no passado, dado origem a algumas das minhas obsessões.

Não posso detalhar o processo, exporei resumidamente as conclusões: o sistema financeiro internacional e a organização econômica e social são absolutamente insustentáveis... a curto prazo. A maior parte do sistema financeiro internacional repousa sobre o dinheiro que não existe, criado a partir de uma dívida, a partir de um suposto crescimento futuro ilimitado.

Esta crença num crescimento econômico ilimitado é favorecida pela instauração progressiva da expansão e da acumulação de riqueza em nível mundial, relativa à aplicação generalizada das inovações científicas e técnicas.

Esta crença não deixa de ser uma ilusão que desmente o real que a ciência teve êxito em delimitar a partir das leis da termodinâmica.

Que nos indicam estas leis da termodinâmica? A impossibilidade de substituir por outras fontes energéticas os hidrocarbonetos na função que realizam atualmente.

Os hidrocarbonetos: carvão, gases e petróleo, que têm requerido milhões de anos para se formar, foram a base energética da industrialização e da chamada revolução verde que permite alimentar até 6500 milhões de habitantes do planeta. É difícil fazer-se uma idéia do grau de dependência da nossa sociedade no que diz respeito ao petróleo. É evidente que a agricultura e o transporte necessário para manter a escala atual da produção e a distribuição dependem do petróleo.

Que se passa com o petróleo? Em um tempo próximo, atingirá o limite da sua capacidade de extração.

A associação para o estudo deste limiar do petróleo - ASPO em inglês - situa-o entre 2010 e 2012. Antes ou depois, o que é fundamental é a noção de limiar, a partir da qual começarão realmente os problemas. Os prognósticos e previsões da ASPO, fundados por geólogos das grandes empresas petrolíferas são confirmados.

As guerras atuais pelo controle das reservas importantes de petróleo localizadas em grande parte nos países árabes e muçulmanos - sob o pretexto de uma guerra



permanente contra o terrorismo - mostram, não somente uma chave na luta para a hegemonia mundial a partir do controle dos recursos energéticos, mas também a falta total de confiança dos grandes poderes na possibilidade de substituir o petróleo por outras energias.

Uma apreensão faz-se entender no mundo inteiro e o silêncio de morte que a acompanha aproxima-se rapidamente. Damos-lhe um nome adequado: crise energética.

É previsível que assistiremos em alguns anos à aposta na prática generalizada da doutrina “choque e terror” adotado pelos poderes americanos. Sabemos que os falasseres são facilmente influenciados pelo medo e o terror. Se o cenário que exponho se confirma, este real apresentar-se-á de maneira inesperada ou abrupta, produzindo sofrimentos inimagináveis na história da humanidade.

### Retorno

Considero que se estas conclusões têm um interesse, não é porque apareceram na minha caminhada particular, no processo de me apresentar ao passe. Sinto-me pessoalmente preocupado, mas não porque o psicanalista está habituado a tratar as conseqüências da emergência dos impossíveis da relação entre os sexos, o sentido e a significação, podem ser sensíveis a estas.

Não penso que os psicanalistas, nem ninguém, possam fazer muito para evitar a catástrofe, mas é possível antecipar a necessidade de aceitar e de se adaptar à este real e de minimizar, na medida do possível, em diversos níveis, os seus efeitos devastadores.

Eu me pergunto e lhes pergunto que lugar pode ter tudo isso na psicanálise e em especial no campo laciano.

Eu me interrogo e lhes interrogo até que ponto o passo de analisando à analista, o passo à posição de agente no discurso é favorável à inteligibilidade da dinâmica dos discursos na sociedade; se permite ler entre as linhas, a trama do discurso dominante atual, capaz de criar uma realidade de uma dimensão fantasmática sem equivalente na história da humanidade.

Se contribuirmos, alguns de nós, ao interrogar a linguagem, o significante, como faz o analisando... algo poderia emergir.

O psicanalista contribui melhor ao compreender as tendências e os aspectos obscuros da história da humanidade.

Renunciaremos a isto ou será que vale a pena tentar?

Tradução de Jairo Gerbase.

### O passe, a verificação de uma fantasia, e seu lugar na cura

Jean-Jacques Gorog

“Este cenário fantasmático se apresenta como um pequeno drama, um gesto que é precisamente aquilo que chamo o mito individual do neurótico».<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> In, “O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose”, *Ornicar?* Número 17-18, Seul, 1978, PP. 290-307, aqui p. 299. As demais citações são referidas a este texto. Trata-se não de um fim, mas de um começo de análise, aquela que será evocada mais adiante, do homem dos ratos, uma vez que ela prefigura um fim possível.

Título bem ambicioso tendo-se em vista alguns elementos que introduzo aqui. À questão de se saber o que produziu o mal-estar nos testemunhos do passe que escutamos, de forma particular por ocasião do final de nossa participação na E.C.F., existem respostas evidentes daquilo que chamarei dos atropelos do passe, (“presse-passe”), ou seja, de tudo aquilo que vem perturbar um funcionamento tanto quanto possível desembaraçado dos constrangimentos das pessoas, dos pressupostos relativos a todo gênero ou forma de testemunho. Infelizmente e, se podemos evitar a caricatura de certos excessos, graça às precauções necessárias – não vou insistir sobre esses pontos: o tamanho do grupo, o fato de que os membros do cartel, os passadores e o passante, não sejam demasiadamente íntimos – a dificuldade permanece, pois permanecemos manipulados pelos discursos que nos animam. Cada vez que um ponto tivesse sido apontado como uma falta nos testemunhos, ele surgia com certeza nos passes seguintes. É assim, por exemplo, que tendo se feito notar a ausência notória da menor interpretação do analista, a série seguinte de passes fazia da interpretação a chave de suas próprias experiências. A única forma de remediar esse obstáculo, finalmente, consiste em multiplicar os pontos susceptíveis de merecer nossa atenção, de tal sorte que cada um possa captar aqui ou ali, onde encontrará uma sustentação. Desde o início da posta em prática do procedimento, existiram “cartéis” fabricados para construir seu próprio caso de tal forma que ele satisfizesse às expectativas supostas ao júri de habilitação. Ora, aquilo que o júri ou o cartel, espera hoje é algo de novo, algo de não sabido até então, mas que também continua em conformidade aos seus pressupostos teóricos, ao aparelho que constrói seu pensamento.

Irei, pois, lhes dar minha idéia que não é, mais que outras, isolável como sendo a verdade da verdade. Ela é desde logo susceptível de produzir outras derivas, se vocês fossem acreditar em mim. Na realidade, eu nada farei além de acentuar um dos elementos em presença, uma meta que imagino com ou sem razão, que facilitaria a alguns o engajamento - provavelmente arriscado – nessa estranha experiência.

Um ponto em especial provoca o mal-estar: ele se dá cada vez que o projetor se dirigiu com uma luminosidade um pouco crua demais sobre o fantasma, proposto como sendo aquele “fundamental” do sujeito. Sabemos que a impressão de faticidade surge inevitavelmente. É que a diagonal imaginária torna-se visível, palpável, e o objeto, embora anunciado com força, é logo escamoteado. Todo enunciado do tipo: “meu fantasma fundamental é...” se presta a sorrisos, seja qual for seu conteúdo, ou demasiadamente comum ou, extravagante demais.<sup>3</sup> O estudo da abordagem lacaniana do fantasma deveria conduzir a um uso mais circunspeto e com relação a isso, nosso esforço do ano passado no Colégio Clínico sobre o fantasma e o trauma deveria nos permitir uma lucidez maior.

Coloquemos que o fantasma não é, sem dúvida, aquilo que se crê ser. Acrescentemos que ele não o é por sua própria definição, pela razão de que ele não é algo que se vê por estar na cara. Nós podemos apenas estar dentro e toda a topologia lacaniana implica que não seja possível se ter um ponto exterior de onde pudéssemos observá-lo, o que explica as expressões de Lacan de travessia ou de construção. Mais delicado é o “fantasma fundamental”, mas, mesmo aí este termo nada significa de observável, antes significa algo que se deduz. A palavra que nos fala disso vem da lógica, da qual podemos nos dar conta uma vez que ela figura no

---

<sup>3</sup> O primeiro pode ser ilustrado por um “ninguém me ama”, levado à incandescência. O segundo autoriza diversas variações sobre o “a” que atravessará as paredes e os corpos.

título do seminário explicitamente dedicado ao fantasma,<sup>4</sup> estritamente contemporâneo à fabricação do dispositivo do passe, mas do qual nós – é bem claro que me incluo nesse “nós” – certamente minimizamos a importância, ou seja, essa dimensão lógica que diz respeito ao mesmo tempo ao fantasma e ao passe, dimensão essa que torna impossível qualquer representação simples. Dizer que é por meio de uma frase que se enuncia o fantasma, implica certamente nessa dimensão lógica, mas nós somos fabricados de tal sorte que nos esquecemos logo dessa dimensão lógica para nos esforçarmos em ter dela uma representação. Daí, por outro lado, a maneira particularmente enigmática dos exemplos de fantasma dados por Lacan.

A fim de me fazer compreender o melhor exemplo me parece poder ser o que ilustra o último tempo da Busca do tempo perdido, “O Tempo Reencontrado”. Com efeito, o que nos fascina em Proust tem a ver, sem dúvida, com esse efeito de retorno a alguma coisa que não teríamos podido imaginar que fosse aí o essencial, os acontecimentos anódinos que marcam aquilo que faz a singularidade do narrador, ao mesmo tempo em que eles dão a razão do seu sintoma como se sabe enunciado bem no começo, a impossibilidade de escrever o romance que estamos começando a ler,<sup>5</sup> pois o retorno sobre estes acontecimentos é dado como aquilo que autoriza enfim a franquear o obstáculo do tal sintoma e poder, enfim, redigir o romance. É isto que, em minha opinião, nos permite entrever aquilo que Lacan evoca da travessia do fantasma. E o tempo pode ser dito “re-encontrado” no momento ou como ele se exprime e ninguém que eu saiba lhe nega um talento verdadeiro: “acabava de renascer em mim, por três vezes, um verdadeiro momento do passado”.<sup>6</sup> Os *flashbacks* aos quais o cinema nos acostumou não têm como razão essencial esclarecer o leitor sobre os acontecimentos anteriores desconhecidos por ele próprio. Eles funcionam em ato: seu valor somente aparece nesse momento para o próprio narrador. De que é feito esse momento? Do ressurgimento fortuito, encontro imprevisto de três incidentes aproximados pelo tempo, cada um deles evocador de lembranças antigas, em si mesmas triviais: o barulho de uma colher contra um prato evoca o barulho do martelo de um empregado da estrada de ferro contra as rodas de um trem onde ele havia estado há muito tempo atrás em companhia de sua mãe, voltando de Veneza. Ele enfrenta o pavimento desigual do pátio dos Guermantes, o que lhe faz lembrar o da entrada da Basílica de São Marcos em Veneza que ele visitara com sua mãe. Enfim, um guardanapo engomado que fora oferecido a ele por ocasião da sua primeira ida a Balbec, na costa normanda.

A obra de arte é propícia a esse tipo de efeitos que levam o nome de sublimação, se queremos conservar ainda aquilo que havia fornecido sua primeira definição a Lacan, a saber, o ultrapassagem do Édipo. É, com efeito, aquilo que Lacan chamava de “mito individual do neurótico”, com um dos dois exemplos da história pessoal de Goethe<sup>7</sup> elevado à dignidade do mito – o outro é o exemplo do homem dos ratos<sup>8</sup> - cujo mito nada mais é do que um outro nome do fantasma<sup>9</sup>

---

<sup>4</sup> “A lógica do fantasma”, 1966-67.

<sup>5</sup> O suspense não se refere à questão de saber se a impossibilidade vai poder ser ultrapassada, mas como se acontecerá isso.

<sup>6</sup> O tempo re-encontrado, in Folio clássico, p. 178.

<sup>7</sup> Valerá a pena se retomar detalhadamente o caso de Goethe, entre maldição e despiste, no artigo onde essa concepção do fantasma está desenvolvida.

<sup>8</sup> Uma vez que ele toma como exemplo nesse texto o Homem dos ratos, esta é a ocasião para mim de lembrar a vocês na série dos centenários psicanalíticos, sem dúvida aquele que vem a ser o mais

manifestado na clínica na sua forma mórbida, “obsessão fantasmática”, justificando, então, seu recurso ao analista.

E que, por ser uma frase, o fantasma aqui é uma frase bem longa, com Proust isto não espantará a vocês, uma vez que ela compreende o conjunto do romance, necessário para que a travessia em questão encontre seu sentido. De forma mais modesta, nossa experiência do passe visa o mesmo ponto, seja este elemento qualquer ou antes, banal, mas que condiciona o estabelecimento desse mito individual de cada um de nós que empreende sua busca. É precisamente essa banalidade que levou Lacan a dizer que o neurótico é um sem nome – a coisa deveria nos alertar quando para Joyce o nome conta, pois que vem a ser uma suplência necessária – que faz, segundo penso, a dificuldade do passe pois aquele que quisesse aí se prestar a fazê-lo, vai julgar que, mesmo que a psicanálise seja tida como a razão das modificações sensíveis de sua existência ao longo da vida, a própria banalidade dos elementos em causa torna a comunicação dele indigna de interesse para os outros, isto é, indecente. Imaginemos apenas que o Homem dos Ratos tenha que comunicar como a razão dos seus transtornos, a dívida não paga de seu pai e os gracejos de sua mãe sobre a jovem pobre, mas bonita que ele não desposara, aqui não seria a vergonha que o impediria de fazer esta declaração, pois é aí que se funda e trata-se de precisar de que forma, a posição do caso e não a coisa, com certeza mais excitante, se ousa dizer, do famoso suplício dos ratos<sup>10</sup> que dá ao homem seu nome, não como nome de autor, mas como nome de gozado: “...vai se perceber que seu interesse principal provém da particularidade extrema do caso”... e, portanto, não vem do fantasma do rato em si mesmo.<sup>11</sup> O ponto é importante, pois a tendência de se pensar o fantasma como saído de uma revista de acessórios dignos dos filmes de horror mais atroz, foi popularizada pela própria psicanálise, por exemplo por Melanie Klein, mesmo por Lacan na ocasião em que se referiu ao crocodilo ou ao louva-deus. Ora, parece-me que essa acentuação, mesmo admitindo que ela exista, passa ao largo da dimensão estrutural que organiza o fantasma como suplência – nós conhecemos a fórmula – de uma relação sexual que não existe. Procedendo-se dessa forma, passa-se facilmente ao lado do fantasma “ordinário” que não tem esse caráter espetacular. No caso examinado, o elemento decisivo parece bem ser o fato de que o pai não tinha jamais podido reembolsar o amigo que o havia tirado do apuro: “Está aí algo de bem diferente da relação triangular considerada como típica na origem do desenvolvimento neurotizante. A situação apresenta uma sorte de ambigüidade, de diplopia – o elemento da dívida é colocado sobre dois planos ao mesmo tempo e é precisamente pela impossibilidade de se juntar um ao outro, que se determina o drama do neurótico que, ao tentar aproximar os dois ele faz uma reviravolta, jamais satisfatória, que não chega a fechar seu ciclo.”

---

decisivo, a invenção da data de primeiro de outubro de 1907, da associação livre, o diário de Freud testemunhando disso.

<sup>9</sup> “O mito e o fantasma aqui se encontram...”, IBID., p. 299.

<sup>10</sup> “Este caso empresta seu título, vocês sabem disso, a um fantasma completamente fascinante, [...] uma função evidente de desencadeamento. [...] esta narrativa que provoca no sujeito um estado de horror fascinado que não desencadeia sua neurose mas atualiza aí seus temas e suscita a angústia”, *ibid.*

<sup>11</sup> “... acontece que as relações familiares fundamentais que estruturaram a união de seus pais, mostram ter uma relação bem precisa, e talvez definível por uma fórmula de transformação, com aquilo que aparece de mais contingente, de mais fantasmático, de mais paradoxalmente mórbido no seu caso, a saber, o último estágio de desenvolvimento de sua grande apreensão obsedante, o cenário imaginário que ele atinge como se fosse a solução da angústia ligada ao desencadeamento da crise.”

Aquilo que orienta esse texto de Lacan está articulado segundo dois eixos (imaginário e simbólico) constituindo por seu desdobramento uma crítica ao Édipo<sup>12</sup>, ou pelo menos, à concepção que se fazia naquela época e que a estrutura de quatro termos desenvolve: “... no neurótico há uma situação de quatuor”

E ele acrescenta, com efeito, ao terceiro termo freudiano, o quarto termo correspondente ao desdobramento narcísico. O fantasma é concebido como uma ilusão necessária, um artefato de conexão construtiva da estrutura de quatro cujo desvelamento permanece o objetivo da cura. O fantasma é construído ao longo da diagonal imaginária do seu esquema princeps. A dificuldade reside, portanto, em não se tomar este elemento “virtual” por outra coisa, diferente de um disparador contingente, apesar do gozo que aí se encontra incluído, que ele vai chamar depois de “a”, desprovido de duplo, no caso presente sob a forma bem conhecida do “horror de um gozo ignorado”, pois que esse real não tem sentido a não ser que ele esteja aparelhado: a escritura do fantasma implica precisamente nessa aparelhagem do objeto, o “a” não está completamente só e é essa aparelhagem que nos importa, daí o que Lacan anuncia aqui, a estrutura que suporta o mito segundo sua concepção do momento, inspirada fortemente por Lévi-Strauss,<sup>13</sup> segundo as fórmulas de transformação e de substituição:

“... cada vez que o neurótico consegue, ou tende a conseguir, ao assumir seu próprio papel, cada vez que ele se torna de alguma forma idêntico a si mesmo [...] o objeto, o parceiro sexual se desdobra – aqui sob a forma da *mulher rica e da mulher pobre*.”

Mulher rica em menos phi ( $-\phi$ ), mulher pobre em “a”, ambas irão articular para o homem dos ratos, a castração:

“De forma que toda cerimônia de seu esquivar-se aparece, na verdade, não apenas como um jogo, mas muito mais profundamente como uma precaução, e se coloca no registro daquilo que acabei de chamar de desdobramento da função pessoal do sujeito nas manifestações míticas do neurótico.”

É bem verdade que o aparelho sintomático permanece mal destacado do fantasma que o suporta, designado aqui pelo mito, mas que em seguida o ensino de Lacan vai tornar precisas as delineações.

O momento da travessia é marcado pelos efeitos que resultam daí, ou dos quais se supõe que eles resultem desse momento. Lacan vai dar exemplos disso no momento de sua proposição. Eles são bem conhecidos, muitas vezes comentados e, sem dúvida por seus sofisticados mistérios, graças à aureola poética, paradoxal, que eles liberam, não deixam ver imediatamente este traço que privilegia aqui, da banalidade. É por causa disso que eu me permiti reformular o que é o lance do passe, esse “não sei o que”, “este quase nada”, em torno da qual gira a resolução de um problema que tanto ocupa o sujeito neurótico que somos. Talvez o tornar-se analista implique nesse esforço de dar conta disso, antes que o esquecimento do ato - este era o propósito de Lacan - venha apagar o rastro, e isso ainda mais facilmente que seu conteúdo tem muito pouco sentido quando tomado de forma isolada.

---

<sup>12</sup> E que Lacan vai afinar depois, mas que é notável que esta concepção do Édipo que ele critica, já seja tomada como responsável pela posição de Freud como demasiadamente identificada ao pai na análise – sempre com a noção de que sem esta teoria e (esta) prática freudiana sua intervenção no debate analítico permaneceria impensável.

<sup>13</sup> “Com efeito, aquilo que se vê num sobrevôo panorâmico de observação é a estrita correspondência desses elementos iniciais da *constelação subjetiva* e o último desenvolvimento da *obsessão fantasmática*.”

Tradução de Elisabeth Saporiti. Revisão de Dominique Fingermann.

### O passe, ponto de referência do analisante

Josep Monseny

“Ma proposition n’eût changé que d’un cheveu la demande de l’analyse à un fin de formation. E cheveu eût suffi, pourvu que se sût as pratique ».<sup>14</sup>

A *Proposição de 9 de Outubro* é um ato, se nos atemos à própria expressão de Lacan em seu *Discurso à EFP*. Por quê? “Porque que seja ou não um ato depende de suas conseqüências”. Essas conseqüências, Lacan nos ensinou que “não dependem da audiência alcançada para a tese, senão de que sua proposição permaneça para todos legível na parede, sem que se enuncie nada contra”. Por isso faz-se necessário, com certa pressa, a tarefa de “um determinado número de efetuações”. Essas não dependem do número de participantes, senão que “a conclusão depende em sua verdade mesma dos fracassos (*ratages*) que constituem ditas efetuações como tempo”.

Pois bem, quarenta anos mais tarde, a *Proposição* continua escrita na parede e suas efetuações nas mais diversas circunstâncias institucionais são numerosas, em tal ou qual Escola, em tal ou qual grupo, em “intergrupos”... O surpreendente é que do todo que se escreveu como efeito de tais experiências, pouco foi colocado em valor de ensino suficientemente rigoroso. Para alguns, essa é a mostra de seu fracasso, para outros, esse fracasso, Lacan mesmo o aceitou. Porém, há que ter em conta que os fracassos não somente são momentos constitutivos da verdade, como também são momentos lógicos necessários para o avanço de nossa reflexão analítica, que nisso não diferiria da ciência. Como assinalou Gaston Bachelard, o fracasso na ciência não conota necessariamente uma crise, senão a ocasião para realizar um trabalho.

Desde nosso ponto de vista, há um trabalho de Escola que faz necessário o recenseamento das produções que deu o Passe, ou acaso não propunha Lacan, ao final da *Proposição* que “um grupo tivesse a seu encargo uma bibliografia relativa às questões de formação”?; Nesse momento, tratava-se de estabelecer uma anatomia das sociedades do tipo IPA, porém, por acaso, agora não passou o tempo suficiente para que sejam estudadas as sociedades chamadas lacanianas, e os produtos que se deram em relação à experiência do Passe lá onde tiveram lugar. E ainda que o ensino que poderíamos obter das distintas formas de fracassar (*ratage*) o passe é claro que se vêem obstaculizadas pela persistência de um narcisismo, não tanto o dos psicanalistas um a um – que obviamente lhe fazemos obstáculo – senão ainda mais, um narcisismo de grupo, cito: “de que o grupo se sente em guarda de um narcisismo mais vasto” (De Roma 53 a Roma 67, razões de um fracasso, *Silicet* 1, p. 50), não é menos certo que isso mesmo, longe de nos desanimar, pode constituir um incentivo para um desejo que, por sua natureza, aponta para a perseverança como efeito de sua condição de não completável.

<sup>14</sup> Lacan Jacques. *Discours à l’EFP*, 6-12-67.

Que essas efetuações não dêem um saldo de saber pleno, isso não impede que a *Proposição* tenha tido suas conseqüências e que elas podem muito bem não ter se esgotado. Nossa Escola, ao apostar no Passe, implicitamente aposta nisso.

Trata-se de manter as conseqüências do ato de Lacan, pois há ato em cada ocasião que um analista consegue fazer o sujeito cruzar certo umbral, o que o leva a adentrar nesse querer saber do inconsciente em jogo em seu sintoma. Neste caso, “o sintoma” de que se trata de saber é o de querer ser um analista, ou, para dizê-lo com Lacan, “por que alguém assume o risco louco de se converter naquilo que o objeto a é”.

E não somente isso, senão ainda inscrito em uma instituição e garantido por ela. Antes do Passe, os analistas se garantiam sob títulos muito distintos, a saber: em alguns casos, por sua habilidade, em outros, pelo reconhecimento dos demais, pelo maravilhoso de sua escuta, ou bem de seu ser...

Lacan, sem enfrentar de entrada esses títulos, espera ainda assim do passe que possa alcançar um modo de garantia mais de acordo com a experiência analítica, no momento de assegurar a efetuação de certas estruturas psicanalíticas no analista. Inclusive, chegará a sonhar que seja essa uma forma de recrutamento nas Escolas, um recrutamento mais de acordo com os fins do que a cooptação “da rede dos sábios”, posto que não descuida do papel que pode cumprir o saber responder do que é uma análise no momento de fazer reconhecer um estatuto legal, como manifesta no *Discurso à EFP*.

Para que ditos propósitos cheguem ao seu melhor fim, é necessário que a Escola, como instituição, reúna certas propriedades e evite, no possível, certos vícios. Cito: “o inadequado não seria que qualquer um se atribua a superioridade, inclusive o sublime, da escuta, nem tampouco que o grupo se garanta com suas margens terapêuticas”, o inadequado é que ênfase e prudência substituam à organização”.

Pois Lacan sabia, pela experiência vivida na IPA, que «il y a solidarité entre la panne, voire les déviations que montre la psychanalyse et la hiérarchie qui y règne – et que nous désignons avec bienveillance, on nous l’accordera, comme celui d’une cooptation de sages».

Então, o Passe, por sua estrutura, aponta para uma dupla efetividade:

- aquela que trata de restituir ao analista sua finalidade, mais além de uma reprodução identificatória aos sábios, que é o mecanismo de toda Igreja ou exército, modelo que Freud escolheu, se é que cabia escolha, pois sua própria concepção da análise o condicionava a isso, e
- aquela que aponta para esburacar a estrutura da Escola para dar mais oportunidades à efetuação da estrutura psicanalítica no psicanalista, como se expressa desde seu início na *Proposição*, algo que exige um mais além da identificação ao analista ou de qualquer ideal que seja.

Destacamos três aspectos que devem ser cuidados na Escola do Passe:

- não favorecer a ênfase
- não se entrincheirar na prudência que, como Lacan recorda, preside “a vida ordinária dos grupos”; ele mesmo questionará freqüentemente sua prudência, e

- velar pelo tipo de hierarquia que nela irá funcionar, mais além da declaração de intenções.

Ainda que a existência do Passe seja problemática, pelas condições que requer da Escola e pelas tensões que nela introduz, a aposta vale a pena, pois não somente estão em jogo as funções de transmissão e extensão da psicanálise, senão que o Passe pode modificar a experiência da análise didática, quer dizer, da própria análise. Por isso, o aspecto que quis destacar é que o Passe pode funcionar como um ponto de referência ao longo da experiência analítica, para o analisante, durante e depois da análise.

Devo dizer que este título, que me veio sugerido por minha própria experiência, uma vez escrito se me tornou problemático, e somente pouco a pouco pude captar em que podia ser pertinente.

A primeira preocupação que me surgiu foi a de pensar que alguém poderia entender que esta afirmação tratava de erigir um novo ideal, empurrando a uma nova identificação. Na realidade, sabemos que esse foi um dos maus usos do Passe para alguns sujeitos, que converteram o que é um meio de manter viva a psicanálise em um fim em si conseguir um novo galão para melhor afiançar as hierarquias de sempre. Esses sujeitos se guiam pelas “modas do passe”, tomadas como um ideal do Outro que a análise deve cumprir o que não somente pode condicionar uma determinada produção do inconsciente na transferência – pois, no final das contas, esse é um fato transferencial comum – senão que pode permitir que, de forma mais cínica, esses sujeitos acomodem os dados de sua análise a um padrão que supõem seja o esperado, ou que se supõe ser o que comanda. A este respeito, a confissão feita por um AE da antiga Escola foi paradigmática. Disse-me que bastava ler-se quatro capítulos do *Seminário X* de fulano e fazer entrar a própria análise neles para assegurar a nomeação; para ele isso funcionou.

No entanto, logo compreendi que um ponto de referência não é um ponto de identificação homogeneizante, nem marca um lugar de chegada idêntico para todos, da mesma forma que todos os navegantes encontram na estrela polar um referente, o qual não lhes impede realizar singraduras distintas, com chegadas a pontos muito distintos. O único que é exigível é “que realizem o percurso mais de uma vez, e até chegar mais além do mapa”, até alcançar um mais além da identificação a que dirige a cura e, inclusive, mais além das coordenadas simbólicas do mapa, que cheguem a inscrever um pedaço de um real entrevisto em uma cifra que lhes seja própria, fim de seu caminho, mas não fim do caminho do psicanalista.

Antes de começar uma análise, por que o Passe seria um ponto de referência para aquele que pode se tornar um analisante? Acaso lhe importa muito que seu analista acredite muito ou pouco no Passe ou que se coloque a direção da cura como identificação ao analista? Sabemos que o analista entra a título de um “significante qualquer” na transferência, e sei por experiência própria que inclusive quando um analisante vem se analisar conosco por nos atribuir a suposição de saber, por causa de haver realizado o Passe, isso não deixa de ser um ideal, mas daqueles que hão de cair e que pouca coisa tem a ver com o real mesmo da experiência. Da mesma forma, que aqueles que iniciam uma análise por causa



de seu desejo de serem analistas, cedo ou tarde devem subjetivar o sintomático de sua demanda; na análise se entra pelo sintoma, e o desejo do analista sobrevém, se isso acontece como efeito do processo; por isso não há análise que não tenha sido de algum modo terapêutica para o analisante, nem análise que não deva ir mais além do terapêutico se deve ter efeitos didáticos.

No entanto, é o analista quem provavelmente se vê mais influenciado em sua posição e em seu ato frente à demanda do paciente, se em sua própria cura abordou a experiência do Passe, ao menos em sua dimensão clínica (não faz falta que seja no dispositivo), e lhe serve de referência.

A autorização de sua própria experiência não é uma estafa que se pode sustentar como efeito de um certo real “a desanodar” (*à dénoeuder*) em sua cura, e digo “desanodar” porque é certo que abordar esse real implica desfazer um nó. Recordemos que Lacan chamará o sintoma de um nó de significantes. Mas também é certo um desnudamento no sentido de que ainda que seja somente em parte e somente durante um breve instante, algo o sujeito deve experimentar (“experenciar”) mais além dos semblantes. Nesse caso, o início mesmo de uma análise se vê modificado pelo efeito “*après coup*” que o analista aplica a sua escuta desde este ponto virtual por vir. Como no jogo de xadrez, o fim da partida que se espera alcançar condiciona a abertura e os passos seguintes que o jogador imprime a seu jogo; quer dizer, a política condiciona a estratégia.

Se é da destituição subjetiva o de que se trata, e da experiência do real em jogo do gozo do sujeito para introduzir nele uma perda, não vamos nos contentar com que o sujeito subscreva o inconsciente. Desde o início, o sujeito não somente deve subscrever o inconsciente, como também deve consentir com os momentos de sem sentido, aos momentos de silêncio que apontam o real que se mostra na experiência, coisa que o sujeito de nossa época parece tolerar cada vez menos, acostumado que está à proliferação imaginária que os meios sociais põem à disposição para recobrir o sem sentido de sua existência.

Não vou me alongar a respeito da importância que tem a haver isolado a experiência do Passe clínico para poder sustentar uma direção da cura que vá mais além do ponto de identificação ao analista. Porém, é evidente que na cura, chegados a um certo momento em que o sujeito vacila na continuação de seu processo, porque quer levar consigo aquilo que foi obtido tanto de benefício sintomático como de conquista do fazer-se ser – como o chamou, em uma ocasião, Colette Soler. Em um testemunho de Passe, um analisante dava conta do decisivo que havia sido a intervenção de seu analista que o empurrou em direção a esse “falta uma volta mais”, para chegar a um fim conclusivo.

Para terminar, gostaria de dizer que, mesmo terminada a análise e realizada a experiência do Passe, é um fato verificado que o real em jogo na análise não para de trabalhar em seu próprio desconhecimento, pelo que a tendência geral é a do esquecimento de seu ato. Somente a frequência a uma Escola, na qual o Passe mantenha viva a interrogação da experiência, inclusive se for para que o grupo inteiro resista a ela, permite manter viva a questão da relação ao “desejo do analista” para cada analista.

Essa experiência me faz pensar que uma Escola na qual o Passe se situe em seu verdadeiro lugar de agente de renovação permanente da experiência, contra seu esquecimento, permanentemente possível, quem sabe fosse pensável que um analista pudesse realizar a experiência do Passe em mais de uma ocasião. Seja como passador, seja com passante, ou ainda no cartel do Passe. Nisso nossa Escola talvez pudesse inovar. Pois a idéia de que o Passe clínico se dá de uma vez por todas, e que somente podem testemunhar ante sujeitos que estão nessa mesma conjuntura, coloca os analistas “*anciens*” fora da experiência do Passe, ou bem apenas como participantes dos cartéis, o que daria em uma estrutura demasiado parecida com a da IPA. Por que um “*ancien*” não pode ver-se surpreendido por efeitos de Passe, em uma nova fração de análise, ou em uma situação de sua tarefa como analista, quer dizer, por que não há de ser capaz de se manter “*dupe*” de dito inconsciente se por causa de sua tarefa não deixa de frequentá-lo? Dá-lo como caso perdido para o Passe não pode significar dá-lo como perdido para a permanente renovação do desejo do analista?

Se Freud pensou que o analista deveria retomar a análise a cada cinco anos, depois do ensino de Lacan, o que nos impediria de pensar que os analistas freqüentem o Passe mais de uma vez? Isso contribuiria à sua renovação e para o esvaziamento do Passe de não sei que caráter de definitivo e sagrado que às vezes parece adquirir, e que desanima muitos, privando-o de cumprir no todo sua função de ser um dispositivo para manter a análise nas vias traçadas por Freud e Lacan para renovar dita experiência.

Espero que estas reflexões contribuam para fazer sentir que o Passe como experiência é importante para a psicanálise, mas também deixa todo aquele que faz a experiência, seja nomeado ou não, com uma relação mais lúcida com a causa da psicanálise. O que pode ser motivo de entusiasmo para aqueles que mantêm sua transferência com a psicanálise, quer dizer, que se mantêm em uma relação com o inconsciente para a qual não há idades.

Tradução de Paulo Rona.

## A oferta do passe

Colette Soler

A questão da oferta de passe se coloca à medida que, como diz Lacan - eu o cito - “a oferta é anterior à procura”<sup>15</sup> e é preciso acrescentar que ela a determina.

A primeira oferta, que está na origem, é de Lacan, e que, hoje em dia, condiciona a nossa. Esta oferta não se reduz à invenção do dispositivo. Ela inclui o que o que ele formulou a respeito de sua visada de conjunto e, mais precisamente, do que se tratava de avaliar neste dispositivo, segundo ele. Tentei então reformular o que eu pude apreender disso, para os dias de hoje.

### 1. As visadas do dispositivo

---

<sup>15</sup> LACAN, J. Préface à l'édition anglaise du séminaire XI *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001, p. 573.

Inicialmente, uma evidência: a oferta de Lacan não se dirigia somente aos passantes, mas a todos aqueles que participam no dispositivo, cartéis, passadores, passantes, AME que designam os passadores e, quanto a mim, acrescento, os passantes potenciais que são os analisantes em uma Escola. Neste sentido, o dispositivo do passe, por si só, é feito para assegurar o que vou chamar de transferência dos analistas à psicanálise.

É uma transferência diferente da transferência a um analista. Talvez Lacan não tenha usado esta expressão. Ela está, no entanto, implícita, não contestada por outras de suas fórmulas. Inicialmente, a que ele imputava ao analista dever “pensar a psicanálise”<sup>16</sup> sem fracassar. E, também, mais explicitamente, na definição que ele dá do passe, em 1976, quando diz que este é – eu cito – “por à prova a historização da análise”.<sup>17</sup> Historizar com um y para evocar a histeria<sup>18</sup> é elaborar em direção a um saber, mas a um saber que inclui a verdade, diferentemente do saber da ciência.

Historizar a análise, portanto. É bem outra coisa que se historizar como sujeito. Lacan introduz aí um segundo estrato da historização. Na análise, para dizer isso de modo simples, historiza-se sua vida, com seus sintomas, seus impedimentos, suas repetições. Isso não consiste somente em fazer o relato dos acontecimentos, mas desdobrar, sob transferência, sua verdade, a parte articulável de sua verdade. Isso porque Lacan, no princípio, pôde fazer referência ao romance do neurótico. Curiosamente, constata-se que isso tem efeitos de leveza na vida.

No passe, segundo Lacan, dever-se-ia historizar a própria análise como processo. O historizar “de si mesmo”, diz Lacan. De si mesmo quer dizer, se não me engano, sem que seu analista seja a causa desta historização, contrariamente ao que se passa na análise em que seu analista está em posição de causa. Seria preciso concluir que o “de si mesmo” implica o fora transferência?

A questão é complexa. Mas, não esqueçamos, não há nenhuma historização que não tenha sua causa. Lacan acrescenta, aliás, eu cito, que “isso não pode ser de seu próprio movimento”<sup>19</sup> que se historize de si mesmo. E se não é o analista, que é causa, então o que é? Eu digo “transferência” à análise, porque há transferência desde que se suponha que uma realidade qualquer, aqui a cura analítica, não é o real opaco, estranho a toda inteligência possível, mas inclui uma ordem de saber que se esforça para construir. É precisamente isso que funda a afirmação de Lacan quando ele diz que, em seu seminário, ele é passante, em outras palavras, ele diz: historizando não sua análise, mas o próprio processo analítico.

Nesta perspectiva, o jogo do passe não é saber se as análises estão acabadas, Lacan não parou de repetir isso, aliás. Trata-se, sobretudo, de saber se há passantes historizando sua análise, além de se historizar como sujeito.

Digo isso gentilmente, mas Lacan o disse com um realismo de uma crueza brutal, eu cito “[...] há casos nos quais uma outra razão, que não a de se instalar, leva você a ser analista, ou seja, receber o que se denomina correntemente de grana [...]”Somos obrigados a concluir que, para ele, a questão era sobre o que causa o passante, com a idéia de fazer a divisão entre duas causas: a instalação ou a transferência à análise.

---

<sup>16</sup> LACAN J. CR de l'Acte analytique, *Ornicar* ?29, Navarin, 1984, p. 20

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> “Hystoriser avec un y pour évoquer l'hystérie”, em francês. Em português não há sentido em colocar “hystorizar”, com y, já que histeria se escreve com a letra i, tal qual historizar. Nota das tradutoras.

<sup>19</sup> Ibid, p.572.

Neste sentido, digo que a oferta de passe feita por Lacan era estritamente idêntica à oferta da Escola de psicanálise. O que não é dizer simplesmente que o dispositivo do passe seja essencial aí. É dizer que passe e Escola, enquanto comunidade específica, têm a mesma finalidade e não podem existir um sem a outra.

Deduzo daí algumas conseqüências concretas, práticas, muito simples. Duas. Sou levada a pensar que julgar um passe não pode se reduzir a julgar a evolução clínica do analisante; mesmo que formulada em termos de terapêutica, de fantasia ou de sintoma, ela não pode se reduzir a uma espécie de supervisão de caso do analisante. O julgamento deveria avaliar o exercício de historização da análise, em outras palavras, deveria trazer menos o analisante do que o passante, para apreender se, além de estar analisado, ele captou, pelo menos, algo de uma parte do processo em si. Falando de análise Lacan dizia, vocês sabem, que não se trata tanto de saber por que ela é muda, mas de fazê-la falar. E no dispositivo do passe, justamente, uma vez que ela fala, ainda se trataria de dizer qualquer coisa de como aconteceu. Se se compreendeu, compreendeu a ponto de praticar, o que era a historização da análise o que se deveria avaliar no passe, rapidamente se compreenderia e se mediria o que Lacan não parou de repetir, a saber, que uma não nomeação não invalida a análise do passante. Isso indica somente que seu testemunho não esclareceu o por quê e como. Quando digo “se”, isso designa cada um de nós, tanto os cartéis que julgam quanto os passantes que se submetem à prova de dizer, que os passadores devem captar. A opacidade está, sempre, um pouco, em uma análise. Há um lado caixa preta, porque as indicações do próprio Lacan eram sobre o começo e o fim.

É também porque, ao contrário, quando alguém apresenta a caixa supostamente aberta, com todas as chaves, todos os instrumentos, todos os mecanismos bem isolados – é raro, mas acontece –, diz-se que algo não vai bem, que se saiu da historização e que se passou do lado de um pseudo-saber abandonado pela verdade.

Em segundo lugar, ter-se-ia apreendido que a instalação não devia ser a condição da demanda do passe. Ela jamais foi colocada como condição do verdadeiro dizer, mas funcionou como condição implícita, ao contrário do que esperava Lacan. E isso desde os primórdios da Escola freudiana, e isso jamais cessou. Deve-se supor que algo impede, mas nada foi jamais elaborado sobre este ponto.

A única justificação corrente consiste em dizer que as luzes sobre o processo analítico não vêm senão muito tempo depois da interrupção e que a experiência da prática ajuda. Não era a idéia de Lacan, que pensava, ao contrário, que o que vem depois é o esquecimento e o hábito – são seus termos. A saber, a rotina fácil de recorrer a teorizações emprestadas. Creio, portanto, que seria preciso remeter este ponto trabalhado nos cartéis, por que, qual é o resultado?

O resultado lógico é que ninguém pode pensar se propor como passante, se já não está instalado como prático, até mesmo distanciado do final de sua análise, e é uma acumulação, já que a instalação se coloca contrariamente à causa. Com efeito, não se pode seriamente pensar que a resposta dos cartéis – que não se reduz, aliás, às nomeações, mas inclui suas elaborações –, não tem efeito sobre as demandas de passe.

Isso seria irrealismo, pois aí se está numa lógica coletiva. Não aquela do prisioneiro, mas a da palavra de espírito, à qual Lacan refere seu passe. Vocês sabem que ele fez da série passante, passadores, júri, o homólogo da série do humorista que faz rir seu camarada, alter ego, o qual passando a boa palavra faz a

peessoa rir, por sua vez. Imaginem um humorista que não fizesse rir, a não ser seu camarada, sem passar disso, e bem, ele pararia muito rapidamente de contar suas boas piadas. Idem no passe, *mutatis mutandis*

## 2. A análise historizada por Lacan

Chego ao que o próprio Lacan historizou da análise do analista. A questão é crucial e atual, pois nossa oferta hoje é função do que compreendemos dessas indicações, isso é bem evidente.

Nossa maior referência, se se retém somente o que está escrito, é quase exclusivamente a “Proposição sobre o psicanalista da Escola” e alguns textos similares. Ora, há ao menos uma outra proposição escrita a ser considerada, quase do mesmo nível, e que dela difere muito: é aquela de 1976 no “Prefácio à edição inglesa do seminário XI”.

O que se pode extrair para nossa prática do passe, sem falar da própria análise, aliás? Não tenho conclusões sobre este ponto, mas gostaria de começar a abrir uma porta para que façamos um esforço para ver o que há atrás disso.

O que as duas proposições têm em comum é que elas procuram responder a uma mesma questão: o que pode por fim a este desdobramento de verdade que é a historização de um sujeito em análise, desde que este desdobramento não inclui mais seu término, senão a série dos números inteiros?

Em 1967, o processo de uma análise é pensado por Lacan a partir de dois termos que são o sujeito barrado e o objeto *a*. O fim, não o termo da análise, mas seu ponto de finitude, aí está apresentado, por assim dizer, condensado como o que vou chamar “um passe ao objeto”.

Em 1976, ao contrário, Lacan tenta colocar seu passe de acordo com os seus avanços a respeito do inconsciente, que ele introduziu a partir de *Encore*. (*Mais, ainda*). Em nosso seminário da Escola de 2004/5, nós tínhamos escolhido comentar esse texto do *Prefácio à edição inglesa do seminário XI*. Retomo o que ele traz e o que já desenvolvi várias vezes, e, finalmente, em um texto que intitulei *Du transfert à l'inconscient autre*. (Da transferência ao inconsciente outro) Permito-me evocá-lo porque não posso entrar aqui nas precisões que seriam necessárias.

Resumo a leitura que fiz dessa segunda proposição. Digo que Lacan dá aí um modelo reduzido da queda da transferência, através do que chamei um passo para o inconsciente real. Inconsciente real é seu termo. É uma passagem que se produz na própria análise e que vai de inconsciente verdade, isto é, do inconsciente freudiano, trabalhado sob transferência, posso dizer do inconsciente histórico, justamente historizável, até o inconsciente que Lacan diz real, ou seja, fora transferência, fora sentido, mas não fora gozo; a partir do exemplo do lapso, mas o interesse é de aplicá-lo ao sintoma; o texto apresenta um acesso pontual a uma certeza, sobre um modo muito preciso, que penso que nos dá o efeito analítico de base, que não é o efeito de fim, e que não refere ao objeto.

No entanto, Lacan observa isso, este efeito de passe ao inconsciente real é pontual, não de instalação, e ele se eclipsa já que a atenção que se lhe presta, incoercivelmente, conduz o sujeito à questão do sentido e à elaboração transferencial que se relança aí. Passe, portanto, mas para recomeçar. Desde já, o que pode colocar um termo ao infinito recomeço?

Para situar um possível ponto de basta, Lacan não convoca mais o objeto *a*, elemento estrutural por excelência. Ele evoca uma nova satisfação, colocando aquela da miragem da verdade mentirosa. Miragem implica uma satisfação

tomada no curso da verdade. Tratar-se-ia no passe de historizar a passagem de um gosto ao outro, de uma brecha aberta no gosto pela verdade, inerente à transferência, para um outro gosto pelo que não mente e, portanto, nada se quer saber. Ou mais exatamente, eu me corrijo, porque isso não é mais o um ou o outro, uma troca na “balança” – Lacan emprega o termo – entre o um e o outro. O termo de gosto, eu creio aqui apropriado para conotar a satisfação singular que não vem do vocabulário estrutural. Com este termo se está no nível das contingências obscuras das opções de satisfação. Era já o caso na *Note aux italiens* (Nota italiana) quando Lacan falava do entusiasmo.

A estrutura, definida como o efeito de linguagem, que se escreve com os dois termos  $\$$  e  $a$ , implica um possível matema de avaliação de fim. É o matema da destituição subjetiva, inscrevendo uma equivalência entre  $\$ \cong a$ . Sem esquecer que  $a$  é o objeto inominável, daí a expressão de Lacan “saber vão de um ser que se esquivar”. O balanço das opções de satisfação se coloca, sem dúvida, na estrutura, mas não vem da estrutura, e não pode se formular em termos de viragem, sobretudo em termos de troca de pesos segundo as oscilações da balança das satisfações tendendo mais ou menos em direção ao real, o inconsciente real que, por ser contingente e lacunar, não é por isso menos constituinte.

No entanto, um problema: o real é mudo, e, mais do que fazer laço, ele separa. Donde a necessidade redobrada nesta perspectiva do dispositivo e da Escola que, ao sustentar este dispositivo e lhe dar os seus prolongamentos, reúne o que Lacan nomeia de “*épars dépareillés*” (relâmpagos desparelhados). Sem o testemunho de passe, como assegurar, em ato, que o analista produz, às duras penas, o consentimento ao inconsciente real até o autismo, e que, ao contrário, ele faz retorno à transferência à análise, tal com eu a tenho definido, em não se recusando ao exercício do testemunho, como prelúdio à... “pensar a psicanálise”.

Então, termino sobre uma primeira questão que se poderia colocar no dispositivo, segundo esta conceitualização. Poder-se-á demandar ao testemunho isto: no máximo, saberá o passante dizer algo da particularidade do que determinou o fim de todo seu amor pela verdade mentirosa? No mínimo, poderá o passante declarar, de modo audível, alguns passes ao inconsciente real? Questão crucial para nossa oferta, já que não há razões para supor que este passe mínimo implique na longa duração da análise.

Há algumas razões para pensar que – vocês vão reconhecer a citação –, como a coragem, ela não espera a passagem dos anos e, eu termino, se ela atestou uma vez, ela atesta, de um só golpe, o que está em questão no passe, a saber, a capacidade do passante de saber quais são os seus restos de aderência fantasmática e sintomática, ou seja, algo do processo.

Tradução de Maria Vitória Bittencourt. Revisão de Vera Pollo.

## De sua própria invenção

### Sol Aparicio

Minha proposta cabe, quase que inteiramente, neste título no qual vocês facilmente terão reconhecido a expressão (“*de son propre cru*”) pela qual se designa aquilo que alguém produziu ou inventou sozinho, o vinho de seu *terroir*<sup>20</sup>, se seguirmos a

<sup>20</sup> O *terroir* é uma extensão limitada de terra considerada do ponto de vista de suas aptidões agrícolas. Referindo-se ao vinho, aparecem exemplos de significados como: "solo apto à produção

metáfora em francês. Ela dá um acesso imediato ao procedimento do passe, neste espaço em que não se espera daquele que ali se apresenta para tomar a palavra nada além daquilo que seja de “sua própria invenção”.

Lacan se utilizou desta expressão em 1974, em sua nota sobre a escolha dos passadores. A análise só utiliza a verdade da queixa, não por amor à verdade, mas “a serviço de um desejo de saber”, observava ele, para destacar em seguida esta dificuldade no procedimento do passe: para cada um, o saber não pode ser construído senão “com seu inconsciente”. Lacan evocava, então, este saber “achado, criado em si próprio (...)”. Não entro no âmago do que ele sublinha a respeito da função de passador, retenho simplesmente esta idéia: um saber-verdade cresce no *terroir* inconsciente do sujeito.

É a respeito da parte que atribuímos ou devemos atribuir ao inconsciente no passe que eu desejo dizer algumas palavras (apoiar-me-ei na releitura de um certo número de textos de Lacan e na experiência, limitada, de três cartéis do passe dos quais participei).

“Tomar a palavra”, isto não ocorre sem o dizer.

(É surpreendente, isto é um parêntese, num meio como o nosso, “educado” na cultura do singular, constatar o quanto é difícil tomar a palavra sem se apoiar nos propósitos de um mais velho – Lacan tinha destacado no jovem analista esta “deferência pelos mais velhos” que se constrangia como em sapatos apertados. Sua proposta do passe vai, entre outras coisas, no sentido oposto a isso).

Tomar a palavra, não seria, justamente, o que a experiência da análise favorece, o que ela encoraja e mesmo, às vezes, o que ela ensina?

A regra fundamental coloca o analisante na tarefa de uma fala atrelada ao dizer do inconsciente. O sujeito é ali convocado para “associar-se livremente aos significantes de sua vereda<sup>21</sup>”.

A vereda, não é a estrada grande com placas indicadoras, é um caminhozinho, não balizado, sem dúvida, mas... mais direto. Lacan inverte a referência habitual ao analisante convidado a associar livremente – e desenvolve seu “sujeito suposto saber” – fazendo aparecer que o sujeito não associa. Ele deve associar-se a uma cadeia de significantes que, por ser sua, vem-lhe, antes, do Outro. Esta trilha à qual o sujeito vai se associar, como o que é “criado em seu próprio âmago” – visa sempre à cultura do singular na experiência do inconsciente.

Ora, quanto mais o tempo passa após o momento de seu passe – dado que há um tempo para cada um -, mais o tempo passa e mais o recurso do analista à teoria, exigido pela prática, se distancia do texto de seu próprio saber. Isso contamina o saber “inventado no seu próprio”. Eis aí uma manifestação do obstáculo que Lacan apontou: “ao se precipitar na experiência, (o analista) experimenta, parece

---

de um vinho", "*terroir* produzindo um grand cru", "vinho que possui um gosto de *terroir*", "um gosto particular que resulta da natureza do solo onde a videira é cultivada".

<sup>21</sup> Lacan, allocution sur l'enseignement, clôture du congrès de l'EFP, 19 avril 1970, Scilicet 2/3, p396. (A.E., 302)

que na regra, como uma amnésia de seu ato<sup>22</sup>”. Como um esquecimento, portanto, deste momento em que deu o passo para engajar alguém na tarefa analisante. Passo que se pode atravessar sem pensar muito nisso, mas aí Lacan mostrou que se trata, a cada vez, de um ato verdadeiro. Daí a importância daquilo que o dispositivo do passe oferece, a possibilidade de um acesso a este saber sobre o qual o analisante se apóia para executar o passo. Instaurando tal dispositivo, a Escola faz, aos analisantes em passe de tornarem-se analistas, uma oferta – que, num sentido, reitera aquela do analista -, oferta para dar o passo de falar em seu nome, de se engajar em sua via, com a sua voz.

No procedimento do passe que Lacan nos legou, se trata de tomar a palavra neste ponto preciso do percurso analítico, que é a passagem à prática, contanto que consideremos com ele que se a tarefa analisante prepara ao ato analítico – o que o conjunto da comunidade dos analistas admite – pode ser apenas porque “o fim da análise depende do ajuste do ponto certo em que um desejo impele ao ato”<sup>23</sup>.

Lacan avançava aí (em “Raison d’un échec”) uma dedução que se impõe, colocando às claras, assim, este fato que ficara, até então, opaco: se a análise em si mesma - potencialmente indefinida dado que não há exaustão possível do inconsciente - permite, no entanto, num dado momento, autorizar-se como analista, é que um desejo, como tal, inarticulável, modifica a posição subjetiva do analisante e se traduz em ato. (Esta tradução em ato, quiçá esta passagem ao ato, é, certamente o ponto essencial).

“Oferecemos a quem quiser, diz Lacan em 1970<sup>24</sup>, a possibilidade de dar testemunho, ao preço de entregar-lhe o cuidado de esclarecê-lo em seguida”. Esclarecê-lo em seguida. Quando ele nomeia um Analista da Escola na base do testemunho transmitido por seus passadores, o cartel faz, portanto, aposta em seguida, sobre os efeitos a posteriori (*après coup*) do passe. É uma aposta fundada no desejo.

Eu diria que o cartel faz sua aposta com conhecimento de causa, sabendo que “esta ponta da existência (que é a aposta)” é o próprio do desejo. Assim como a surpresa é o próprio do inconsciente. E como, ao contrário, a segurança é o próprio da fantasia intocada que faz o assentamento do eu. Pela aposta, o cartel do passe dá conta da temporalidade lógica do inconsciente. Lembremo-nos daquilo que Lacan afirma quando conclui seu discurso à EFP, “o psicanalista não quer crê no inconsciente para se arregimentar”. Era, acredito, a constatação de um fato que ele denunciava, pois, não é somente a experiência do inconsciente que torna necessária a análise para o futuro do analista? No que mais, além desta experiência, poderíamos, portanto, nos fundar para julgarmos sua qualificação?

A proposição sobre o passe – este procedimento que Lacan disse ter por modelo o chiste que ele situou “no ponto em que se verifica que o ato nunca tem tanto êxito, quando tropeça”, isto é, ali onde somente o inconsciente está operando, enquadrando-o, assim, numa dupla referência às formações do inconsciente -, a proposição feita a sua Escola, portanto, é de se deter no inconsciente na hora de se pronunciar a respeito da qualificação de um analista.

---

<sup>22</sup> Id., « Discours à l’EFP », *ibid.*, p19.

<sup>23</sup> Id., « Raison d’un échec », 1967, *Scilicet* 1, p47.

<sup>24</sup> Cf. seconde partie du « Discours à l’EFP », *Scilicet* 2/3, p 25.



Há no psicanalisante uma forma de inocência, um estado de graça. Pode lhe ser permitido não saber o que supõe o inconsciente. A sua tarefa é “bem dizer”, e “se localizar ali no inconsciente” se ele quiser “colocar às claras” aquilo de que é o sujeito<sup>25</sup>. Mas se lhe é permitido ignorar quais são as conseqüências a serem tiradas da existência e do funcionamento do inconsciente, não é o caso para o psicanalista, nem a fortiori para o cartel do passe.

É, inclusive, neste ponto que podemos situar a distinção que estabelece o surgimento de um desejo de saber, a serviço do qual é colocado o trabalho daqueles que renunciam a se valer disso. (Vocês sabem que é isto que Lacan nota com relação àqueles que marcaram a história da matemática, eles trabalhavam como loucos para resolver problemas, ao passo que isto não lhes trazia nada nem no plano social, nem no plano material.<sup>26</sup>

Em nosso campo, trata-se de um desejo de saber aquilo que supõem a existência e o funcionamento do inconsciente, não sem o saber inconsciente próprio a cada um, mas além dele, tendo-o reduzido àquilo do que é possível se separar. Talvez pudéssemos dizer que o que dele resta de útil, de utilizável, é somente a parte de saber que “passa no ato<sup>27</sup>”. Falei de um saber que se traduz em ato. Lacan nos diz “A verdade pode não convencer, o saber passa em ato”. (É pela via do ato, e não necessariamente da verdade, que isso se transmite).

Acontece de rirmos nos cartéis do passe. Acontece que um riso venha surpreender quer seja os passadores e os membros do cartel no curso de seus testemunhos, quer seja os membros do cartel no curso de suas trocas ulteriores.

Este riso, que surpreende, imprevisto do passante, claro, como é inesperado pelo cartel, torna a coisa, esta coisa séria, freqüentemente alegre. Como prestar conta deste pequeno fenômeno? O que dizer dele? Ao menos isto, que Lacan destacou a propósito do chiste, é que fomos ali “traídos pelo dizer” e que quando se é traído pelo dizer “o riso dispara<sup>28</sup>”. O riso não é pouca coisa, ele nos indica que estamos na presença do dizer do inconsciente, na presença de alguma coisa que o passante “criou em si próprio”. Se, tal o auditor de um chiste, o cartel ri, pode-se pensar que a letra (letra e carta do passador) chegou ao seu destino. Quanto ao conteúdo da carta, não estou certa de que caiba ao cartel elaborá-lo. Contrariamente ao que tinha pensado no início, quando de minha participação nestes cartéis, necessariamente efêmeros em razão de seu modo de constituição, não creio que seja forçosamente preciso se alongar sobre o trabalho de cada testemunho – toma-se o tempo necessário para deliberar e uma vez tomada a decisão, é aquele que há “passado” que deve retomar a tocha. É do Analista da Escola que se esperará uma elaboração das decorrências de seu testemunho. O cartel preencheu sua função de “seletor” e pode ser dissolvido.

E o “trabalho de doutrina” que Lacan esperava dele em 1967? Eu teria, dificuldade para dizer onde estamos com isso, reconhecendo que muito foi feito, antes e em outros lugares. A questão para nós hoje é, acredito eu, saber se aqueles que querem seguir a reflexão sobre a experiência do passe podem fazê-lo com

---

<sup>25</sup> Cf. *Télévision*

<sup>26</sup> V. *Séminaire « Les non-dupes errent »*, séance du 9 avril 1974 (inédit).

<sup>27</sup> Cf. l'allocution sur l'enseignement, déjà citée. « La vérité peut ne pas convaincre, le savoir passe en acte. »

<sup>28</sup> V. « La psychanalyse dans ses rapports avec la réalité », 18 décembre 67.

outros, tendo ali igualmente participado – mas, desta vez, distanciados do particular dos testemunhos. Assim como aqueles que são “passados” saberão, talvez, se desprender daquilo que produziu o caso deles, para se voltarem sobre o caso de outros.

Realizo, formulando isso, que o pressuposto disso é a existência de uma comunidade de experiência e trabalho (em outras palavras, de Escola).  
Tradução de Dominique Fingermann e Cícero Oliveira.

### Experiência do passador

Lola López

“Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe...”<sup>29</sup>

Começarei esta breve intervenção retomando uma citação de Lacan que aponta diretamente ao que é e, o que se espera de um passador: “Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe...”. Este parágrafo da Proposição de 9 de outubro de 67, que tantas vezes havia lido e debatido com meus colegas nos encontros epistêmicos da EPFCL-FOE, tomou para mim uma nova significação quando o passante me fez saber que havia tirado meu nome do chapéu para ser seu passador.

Desde que meu analista anunciou que havia me designado como passador, pude trabalhar em minha análise o perturbador deste anúncio e <sup>30</sup> pensar o que significava para mim. Não havia mais retorno, não era mais o tempo da demanda nem dos ideais, não havia outra escolha senão a de fazer frente ao saber que sem sabê-lo havia adquirido em minha análise. Não posso dizer que a designação fora algo totalmente inesperado, pois colocou em relevo o que já existia: um vivo interesse pelo passe desde muito tempo, porém entrelaçado ao temor do que pudesse acontecer e ao temor da responsabilidade que introduzia.

Desde o início, o encontro com os textos institucionais de Lacan, sobretudo a Proposição de 9 de outubro de 67 e a escuta de outros analistas que transmitiam sua experiência no dispositivo do Passe (naqueles momentos da Escola Européia de Psicanálise), suscitou em mim a curiosidade pelo Passe. Parecia-me uma aposta arriscada e enigmática, da ordem do impossível. Agora posso dizer que se trata disso, de afrontar o impossível, o impossível de dizer, o real do gozo ao final de uma análise para obter um pouco de saber sobre isso, transmissível, convertível num saber coletivo sobre o que faz um analista. Isso me parece importante para sustentar a Escola de Lacan, para que esta “*garantisse a relação do analista com a formação que ela dispensa*”, como diz na Proposição.

A chamada da passante teve um primeiro efeito perturbador, ao que se seguiu um prudente entusiasmo e aceitação decidida a prestar-se a experiência de passador no dispositivo do passe, a experiência da Escola. Prudente entusiasmo porque não

---

<sup>29</sup> J. Lacan: Proposição de 9 de outubro de 1967. In *Outros Escritos*, p. 255.

<sup>30</sup> Proposição de 9 de outubro de 67

era alheia a responsabilidade e ao compromisso que contraía com a Escola ao consentir em realizar a função de passador.

Não se fez esperar a angústia que aparecia desde o Real como sinal ante o desejo do Outro. Minha análise me permitiu fazer-lhe frente e cernir algo de um “querer” o que desejava.

O passador é o elemento dobradiça do dispositivo do passe. Está numa posição de mediação entre o passante e o Cartel do Passe. É o que pela transmissão de sua escuta, faz passar os pontos cruciais do testemunho do passante, de alguém que por um desejo íntimo deseja que outros verifiquem se há analista, se há desejo de analista, dando conta de seu percurso analítico, da experiência de sua análise.

Encontrava-me, sem haver demandado, no dispositivo do passe, encarnando a função de fazer passar o testemunho de outro que havia tomado a decisão de fazer o passe, a decisão do ato... Tratava-se da hora da verdade e não havia nenhuma garantia sobre isso. Essa falta de garantia precipitou um tempo de compreender o que tinha ido aperfeiçoando no último tempo de minha análise: que não há Outro do Outro, que a falta toca o ser, vislumbrar o artifício defensivo da fantasia e a queda do objeto, deixando a descoberto um vazio. Momento de dor, mas que paradoxalmente preparava para uma diminuição de sofrimento, uma relação com o gozo diferente.

O passador encontra-se num momento que se pode qualificar de verdadeiro, no que ele aceita não desconhecer o saber adquirido em seu percurso analítico. Porém mesmo tudo isso sob transferência, resta resolver um *impasse*: a realização do ato fora dela, fora da relação ao SsS. Afrontar o desejo do analista, a destituição subjetiva fruto de sua divisão. Este é um tempo por vir.

O encontro com o passante.

O encontro com o passante é o momento mais emotivo e agalmático da experiência. É uma experiência nova, desconhecida, da qual o passador não sabe nada até o momento que se produz. Tampouco não há nada que o guie na realização de sua função porque toda experiência é singular; nunca é igual a de ninguém, e por sua análise sabe que não é possível a identificação. Não sabe do testemunho que o passante vai transmitir, mas espera que a escuta lhe dê algo a saber. O passante fala ao passador na via analisante do íntimo de sua experiência de análise fora do marco transferencial num esforço por dizer em pouco tempo um percurso analítico de muitos anos.

No ano de 73, Lacan diz que no dispositivo do passe, o passador não está na posição de analista, e que se espera dele um importante trabalho psíquico que consiste em um *“testemunho, na transmissão de uma experiência”*.

Não ocupar a posição de analista permite uma corrente de confiança e solidariedade entre o par passante-passador. Ambos estão na posição analisante, um, o passante, que “se autoriza de si mesmo”, e o outro, o passador que está em um momento próximo ao do passante, a beira de um franqueamento. Todavia, e apesar da corrente de confiança existente, a função de passador exige que este cuide de não perverter o dispositivo com sua própria fantasia.

À medida que os encontros se sucederam e a passante ia debulhando as diferentes etapas de seu percurso analítico através da construção de seu testemunho, a escuta se fez atenta e distendida, permitindo intervir com algumas perguntas sobre certos enunciados que não pareciam claros ou com pedidos de retornar sobre alguns dados da história.

Nos ditos do passante, o passador reconhece fragmentos de verdade que lhe ressoam sem pensar, o que me parece importante, porque não se trata de cálculo, nem de algo premeditado, sem pensar, se coloca, tal como menciona Lacan, como “*placa sensível*” ante a palavra do passante, quer dizer, se oferece a ser transpassado pelo testemunho do passante, a deixar-se imprimir pelos pontos relevantes, pelo que importa.

Ao se dar conta do particular do testemunho, que o trajeto de sua própria experiência não é a mesma que a do passante, o passador vai poder verificar o importante desta diferença, pois é a diferença o que faz existir o inconsciente, o sujeito do inconsciente. Numa posição aberta e sensível, o passador escutará o que lhe ressoa como verdadeiro, e que, sem ser o mesmo, reconhecerá nisso a mesma substância inconsciente.

É a relação do passador com seu inconsciente o que condiciona sua sensibilidade, como diz Lacan em 74, na “Nota sobre a escolha de passadores”... *“Um risco: Que esse saber terá de construí-lo com seu inconsciente, quer dizer, o saber que ele encontrou cultivado nele mesmo e que possivelmente não convém a marcação de outros saberes”*.

#### A transmissão ao Cartel do Passe

A transmissão do testemunho ao Cartel teve, por si mesma, um efeito de esclarecimento.

Depois de escutar o testemunho da passante havia repassado várias vezes minhas notas selecionando previamente o material para transmitir um testemunho, que havia realizado em três encontros, buscando os elementos a verificar a luz dos conceitos teóricos.

Porém ante o Cartel do Passe, depois de um tempo de ter escutado a passante, tempo necessário, nem demasiado curto para poder pensar o testemunho, nem demasiado longo, para evitar o risco de que o frescor do novo se dissipasse, a transmissão foi fluindo de forma espontânea, inédita. Sem sentir-me muito presa ao caderno de notas que levava comigo, a palavra foi surgindo, de forma que do relato alguns ditos se obscureceram e outros tomaram relevância. As reflexões e a seleção prévia do material ficaram como tela de fundo no momento da transmissão.

O passador é alguém que quer saber e sua experiência no dispositivo do passe abre não só uma nova relação ao saber, como a aquisição de “um pouco” de um novo saber, o que implica, ao mesmo tempo, o descobrimento de que há um limite, e verificar que não existe o todo saber. Estabelece-se uma dupla dimensão na relação ao saber: ao saber que há no inconsciente e ao saber que não se pode transmitir.

O extraído do testemunho do passante se articula ao saber adquirido na própria análise do passador. Por isso não se trata de ser só um simples mensageiro, de transferir de um lugar para outro o texto literal que o passante lhe deu para levar, mas sim que o testemunho do passador deve permitir que algo passe para que o cartel possa chegar a uma decisão.

Pontos de saber sobre como o passante se orientou nas diferentes seqüências de sua análise, quanto chegou, a saber, de seus ganhos, de suas perdas, dos momentos de luto, de sua relação com a castração e com o gozo, sobre o atravessamento da fantasia, e a separação do analista. Para além de que o passante seja ou não nomeado Lacan deixa claro na “Nota aos italianos” em 74 que “*corresponde ao passador não deixar a coisa incerta*”. Fica a cargo do passador pela sua transmissão, que o Cartel possa elaborar um pouco mais sobre esse real em jogo.

Para finalizar vou voltar a uma citação de Lacan da Proposição a propósito dos passadores: “a saber em quem está presente nesse momento o des-ser em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como um luto”.

O luto e a separação, a separação do analista é um ponto importante a cernir e verificar no testemunho, porque no meu entender, é o preâmbulo ao desejo do analista. Lacan neste texto (na Proposição), diz claramente que a saída da análise, a virada de psicanalisante a psicanalista tem algo da posição depressiva...

Sabemos que todo luto implica um tempo, o tempo que o sujeito necessita para separar-se do objeto e investir libidinalmente outro objeto. No momento do Passe, momento de des-se, de destituição subjetiva, se trata de dar conta de como investir em um objeto que já não é o agalma, que já é um resto.

É o luto necessário para afrontar a separação do analista e afrontar o ato analítico ocupando o lugar desse objeto, objeto *a*, causa de desejo para outros, lugar do analista. Este é um momento, um estado muito próximo entre o passante e o passador. O passador se acha em um tempo anterior: não resolveu, todavia seu luto, e não está na dimensão do ato, está em um momento próximo a sua gestação.

Essa virada, a virada de psicanalisante a psicanalista se inscreve na dimensão do ato, momento em que o ato se institui no analisante, o qual importa, nem tanto pelos efeitos, que só se verificam no “*après coup*”, mas sim porque o ato, ele, o analisante neste tempo de passagem se institui como analista. Esta passagem, por sua singularidade só pode verificar-se por alguém que está próximo de autorizar-se como analista. (É como entendo o que Lacan diz em 74 na “Nota sobre a escolha de passadores”... “*Faz falta um passador para escutar isto*”).

Ao criar o dispositivo do Passe, Lacan aposta por captar esse ato “*no momento em que se produz*”, como menciona em seu Discurso a EFP. O que pede aos que participam desta experiência é tentar cernir como se produz esse novo sujeito, a novidade, esse novo que produz o ato, já que implica um antes e um depois produzindo o advento de um sujeito destituído, um sujeito novo.

A experiência do passador não é sem efeitos para o sujeito, que não pode ignorar o que sucedeu nessa experiência, porque supõe aproximar-se da borda de uma passagem, de um franqueamento que produz vertigem, angústia, mas sabe que pode agarrar-se a galeria do desejo. Corresponde a ele passar do outro lado, tomar a seu critério a decisão do ato ou retroceder ante ele.

Nenhuma experiência é igual a outra. Toda experiência é singular. Minha experiência de passador além de abrir um novo momento em minha análise teve o efeito de converter o ato de apresentar-se ao passe, que antes de participar no dispositivo se inscrevia na ordem do impossível, em algo possível para mim.

Tradução de Consuelo Almeida.

### **O passe sem o fim**

Patrick Barillot

Peguei emprestado este título, “o passe sem o fim”, de um colega da América Latina numa longa e interessante discussão da qual provêm as reflexões que se seguirão, colega que defendia, entretanto, um ponto de vista contrário ao meu, a saber, que o passe precipita o fim, não há passe sem fim. Fazendo assim com esse título, eu fiz o que não se devia, propondo, de imediato, a tese a ser defendida da disjunção entre a viragem de passe, do momento de passe e o fim da análise. Isso quer dizer que é preciso contar esses tempos da análise como dois, e não superpô-los. Sobre essa tese muitas coisas já foram ditas, e mesmo que ela continue controversa, que não haja unanimidade sobre a questão, longe disso, eu não a desenvolverei. É certo que Lacan distinguia esses dois tempos. Ele se pronunciou muitas vezes sobre esse tema, e eu os remeto à “Proposição de 67 sobre o psicanalista da Escola” e a “O Aturdido”.

O que me interessa hoje é um outro aspecto da problemática da temporalidade do passe intimamente ligada ao de sua separação do fim, que diz respeito ao momento propício ao testemunho. Aqui levanto uma hipótese, a que eu gostaria de debater: que haveria um momento mais propício ao testemunho de passe com relação à temporalidade da cura e particularmente com relação ao seu fim. Vocês vêem que essa hipótese supõe distinguir bem os dois tempos do passe e do fim. Isso equivale a perguntar se há um tempo mais favorável que outro para se lançar no dispositivo. Isso está no cerne de nossa jornada – quando se deve ir?

Antes de defender esse ponto de vista, precisemos que para desenvolvê-lo eu me apóio na minha experiência pessoal do passe como passante nomeado AE e sobre textos de Lacan que tratam dessas diferentes questões.

Na minha experiência pessoal, a decisão de me submeter ao dispositivo do passe foi tomada no decorrer da análise, e a nomeação ocorreu também no curso da análise com esse pequeno comentário do cartel: “o passe não é o fim”. Evidentemente, essa asserção vinha aclarar meus tormentos daquele momento sobre o fim da análise e de sua ligação com uma nomeação como AE ou sem nomeação. Uma nomeação deveria precipitar um fim de análise? Essa era a questão à qual o cartel vinha trazer sua resposta pela negativa que marcava bem essa disjunção dos dois tempos.

Voltemos à questão da escolha do momento para se apresentar ao passe, da oportunidade dessa decisão.

Desde que o passe existe em nossa Escola, constatamos que as demandas vêm essencialmente de pessoas já engajadas em uma prática analítica e, para muitos deles, sua análise terminou. Como interpretar essa situação? É certo que o discurso passado e atual sobre o passe não incita aqueles que ainda não terminaram suas análises, aqueles que não praticam ainda - quer dizer, aqueles que não estão engajados no ato analítico - a se jogar na água. Há provavelmente outros fatores que concorrem para isso, mas se pudéssemos avançar em relação à questão de saber se a análise ainda não terminada é um momento oportuno para o passe, nós poderíamos trazer aqueles que não ousam dar o passo.

Seria propício arriscar-se a testemunhar antes do fim? Creio que sim, e me parece que era isso o que Lacan esperava dos analisantes, a saber, que testemunhassem sobre a viragem de passe no curso da análise e mesmo antes de passar à prática analítica, a analista praticante.

Aos que não conheceram a época inicial da instauração do passe na Escola de Lacan nem os debates que cercaram sua instalação e suas diferentes peripécias, só restam os textos de Lacan para orientar-se sobre a questão. É o que farei.

No seu preâmbulo a essa jornada, Colette Soler nos diz que “Lacan havia esperado passantes ainda no momento de resolução de suas análises, e apanhados antes de se precipitarem na prática, como ele falou na ocasião”. Assim situado, não se pode fazer do passe um instrumento de validação do ato analítico e muito menos um procedimento para sancionar o fim de análise.

Resta definir o que o passe ratifica no espírito de Lacan.

Essa idéia de Lacan sobre o passe não é comum, e até que eu tivesse me encontrado com uma dessas ocorrências, ela não me era familiar. Já citei sucintamente essa referência num texto publicado em Wunsch 5 e se hoje a retomo, é por ter percebido, a partir das discussões com colegas, que ela poderia ser lida em sentidos radicalmente divergentes. O colega da América Latina me colocou uma tese contrária a esta que lhes proponho, e concluiu que eu estava forçando a leitura desse parágrafo a fim de apoiar minha posição.

Vocês encontrarão essa referência na introdução ao seminário RSI datada de 19 de novembro de 1974.

Lacan, nessa introdução, fala de suas preocupações com sua Escola e diz em seguida (eu o cito) «achar estranho, estranho no sentido propriamente freudiano, unheimlich, estranho que seja de alguns que não estão ainda propriamente falando se autorizando pela análise, mas que estão em vias disso, que deles venha essa resistência àquilo para que os estimulo; eu os estimulo em suma a tornar efetivo, efetivo o quê? Num testemunho que eles trariam sobre o ponto que se encontram, tornar efetivo esse passe pelo qual em suma aquilo de que se trata é que cada um traga sua pedra ao discurso analítico dando testemunho de como se entra nele».

Essa passagem levanta muitas questões, a principal em relação ao que nos ocupa hoje é determinar quem são esses “alguns que não se autorizam pela análise” e que resistem à incitação de Lacan de se propor ao passe. Da minha parte não há dúvida que Lacan designa aqui os analisantes que não estão ainda engajados em

uma prática analítica, mas que pretendem fazê-lo - que estão no caminho como ele o diz. Fazer desses alguns não analisantes, mas analisados, produtos de uma análise terminada que não se autorizariam ainda a testemunhar com seu passe inverte totalmente a perspectiva.

No primeiro caso, aqueles que Lacan diz estimular a testemunhar com seu passe são sujeitos ainda em análise cuja viragem do passe é recente, atual, poderíamos dizer, e que não estão ainda engajados no ato analítico. Essa leitura, aliás, está de acordo com a definição que Lacan dá do AE na Proposição de 67 « *por estar entre aqueles que podem dar testemunho dos problemas cruciais nos pontos nodais em que se encontram em relação à análise, especialmente na medida em que eles próprios estão na tarefa ou pelo menos prestes a resolvê-los* ». Indicação clara que são analisantes, já que na tarefa ou prestes a resolver os problemas cruciais da análise.

Com o segundo modo de leitura, se trata de sujeitos que terminaram sua análise e que já podem praticar.

Segundo os modos de leitura, a expectativa da comunidade de Escola e dos cartéis do passe com relação aos passantes muda radicalmente com os efeitos induzidos sobre as demandas de passe.

Para esquematizar, ou se incitam de um lado os analisantes, aqueles que pensam nisso, mas não ousam, ou os analisados que pensam nisso há muito tempo, mas que não se autorizariam a dar o passo.

Não se trata de opor os analisantes aos analisados, mas de deslocar o cursor da oferta, reorientá-lo em direção aos primeiros.

Se pudéssemos proceder assim, isso daria novamente ao passe suas virtudes primeiras, quer dizer « *chegar perto daquilo que numa análise torna o ato analítico possível* », para retomar o texto de apresentação dessa jornada. Assim definido, aquilo que é visado pelo passe, a saber, as condições de possibilidade do ato analítico, coloca-se de novo a questão do que o passe sanciona já que seguindo essa via, não é nem o ato nem a análise terminada.

Lacan, nessa referência, nos dá uma resposta quando diz que o testemunho de passe é a pedrinha que cada um traz ao discurso analítico, dando testemunho de como se entra nele. Seguindo essa indicação, deduz-se que não é o ato analítico nem o fim da análise que o passe vem autenticar, mas a entrada no discurso analítico.

Existiria, certamente, muito a ser desenvolvido sobre o que significa a entrada no discurso analítico, poderíamos fazer disso um tema para jornadas. Farei somente duas observações a esse respeito à guisa de abertura para a discussão. Uma primeira sobre as condições da entrada nesse discurso e a outra sobre as implicações dessa mudança de discurso. Entrar nele exige uma operação sobre o objeto *a* e supõe colocá-lo na posição de agente, no lugar de comando, o que é uma condição para poder, em seguida, suportar o ato analítico.

A segunda observação incide sobre uma conseqüência dessa entrada pelo deslocamento do pequeno *a*, conseqüência que incide sobre a verdade. Eu só a evocarei inspirando-me nas indicações que Lacan dá no seminário *Encore*<sup>31</sup> sobre essa questão da verdade e da entrada no discurso analítico a propósito do

---

<sup>31</sup> Mais, Ainda - aula de 08/05/1973.



cristianismo. Eu faço a hipótese de que o que ele diz ali é extrapolável à cura analítica.

É uma passagem onde ele explica que servir-se da dimensão da verdade é empurrar sempre a realidade na fantasia e que, para minorar essa verdade como ela o merece, precisa Lacan, é necessário ter entrado no discurso analítico. Pois, acrescenta ele “o que o discurso analítico desaloja põe a verdade em seu lugar”, a verdade é coagida, mas não abalada.

Essa observação, sendo feita para estabelecer uma junção entre o passe enquanto autentica a entrada no discurso analítico e essa “verdade mentirosa”, apresenta na epígrafe do texto de apresentação dessa jornada<sup>32</sup> uma questão que subsiste: pode-se obter que o passe sancione que uma análise tornou o analisante apto ao ato analítico que virá em seguida?

Não parece nada fácil em vista da história passada; para o futuro, veremos.

Tradução de Rita BicegoVogelaar

### O tempo, do passador ao passante

Luís Izcovich

O título desta jornada que interpreta o estado de um discurso na comunidade analítica é também, por sua vez, um convite para interpretar o intérprete. Tento seguir na via que Lacan abriu e que ele tinha designado em “A psicanálise. Razão de um fracasso”, dois meses após sua proposição sobre o psicanalista da Escola, como a “subjetividade dominante nas sociedades de psicanálise”. Ele denuncia, então, trinta anos depois de sua autorização como analista, o mistério relativo ao julgamento sobre o acesso ao título de analista. Parece-me crucial, para aqueles que fazem a escolha da opção lacaniana, para aqueles que se questionam, que se perguntam a qual instituição analítica querem pertencer e, sobretudo, para nós mesmos, que fizemos a escolha de criar uma Escola de psicanálise denunciando os desvios do passe na Escola precedente, questionar sobre aquilo que constitui nossa própria “subjetividade dominante”. Não serei exaustivo e limito-me aqui a um ponto: o uso do passe. Vou resumir este ponto em uma única pergunta que é a seguinte: o estado do discurso para com o dispositivo do passe, e até mesmo o estado da demanda, seu número e de quem são provenientes, em outros termos, os candidatos ao passe, não seria ele uma resposta ao desejo próprio de uma Escola a respeito do passe? Falo aqui de nossa Escola. O intérprete se transforma em interpretado, e isso confirma a tese que enuncia que o desejo é sempre o desejo do Outro. A fórmula “penso no passe mas”, se ela se aplica tão bem a um certo número de candidatos potenciais à experiência, ela se aplica da mesma forma a nossa posição no que diz respeito ao lugar que nós reservamos ao passe até aqui. E é porque eu respondo a minha questão pela afirmativa, que me parece importante indicar em que lugar colocamos o passe e o que espero dele. É, com efeito, na junção entre o que podemos esperar e o que sustentamos como discurso efetivo que se coloca em jogo, em minha opinião, não somente o futuro de nossa Escola, mas também o da psicanálise simplesmente.

Sem pretensão de exaustividade, podemos afirmar que o passe não foi o centro de nossa Escola. Há várias razões para isso. Evoco duas delas que me parecem

---

<sup>32</sup> Esse passe, “eu o deixei à disposição daqueles que se arriscam a dar testemunho no melhor dos casos da verdade mentirosa”.

determinantes. Nossa Escola se funda como contra-experiência em relação a um desvio concernente a um uso do passe antes para finalidades institucionais do que para servir à psicanálise. À expansão do ato analítico, segundo os termos de Lacan, substituiu-se a idéia de uma expansão da instituição, e o passe foi um meio.

Isto justifica uma certa prudência a respeito da experiência do passe. Notemos que em relação à primazia dada à fidelidade, critério de nomeação na antiga Escola, nossa escolha não foi o abandono do dispositivo como foi a escolha de algumas instituições lacanianas. Também não fizemos a escolha do passe sem a nomeação como é o caso de outras instituições, em que o que prevaleceu foi um compromisso frouxo que visa evitar o imaginário do nome, mas que eterniza o nome daqueles que já são conhecidos. Posso sustentar, portanto, que resistimos em manter o passe e segundo a concepção da *Proposição sobre o analista da Escola*, a saber:

um passe com nomeação e no interior de uma Escola, portanto, o dispositivo conectado a uma comunidade de Escola precisa. Coloco esta resistência em nosso ativo, pois sem ela, não nos estaríamos questionando hoje. É a vertente positiva da resistência em relação às sereias que gritam à derrota da experiência e à tentação de se isolar no conforto que vigia todo aquele que ficar fora de instituição. Nosso postulado sobre o passe sustenta-se de um implícito: o discurso analítico não se sustenta com um único. Foi por isso que se colocou o passe em seu lugar preciso, e qual seria ele?

Parece-me que estamos numa viragem, e aquilo que até aqui podia ser prudência em relação ao passado, arriscaria tornar-se um temor dos efeitos do passe em que a prudência pode não ser o único guia da experiência. Observemos já uma tese essencial, sustentada por nossa Escola e que propõe a disjunção entre passe e fim de análise. Os efeitos desta concepção decisiva se atenuam, no entanto, se isso não se traduz em efeitos práticos. É a razão que me fez escolher a questão do tempo, do passador ao passante e sustentar a pergunta sobre o que se pode esperar desta disjunção. É, além disso, o motivo por que Lacan não pôs o passe em conexão com um percurso, mas com um momento lógico, preciso, o do ato designado por ele como um momento eletivo.

Este tempo lógico, marcado pela pressa de uma conclusão, não diz respeito à pressa de concluir a experiência da análise, mas o de tomar o lugar de analista para outros.

Para fazer face ao esquecimento que incide sobre aquilo que a decisão de se fazer causa de desejo para o outro e que, irremediavelmente se instala no analista, Lacan é explícito: “trata-se de se interessar pelo passe em que o ato se apreende no tempo que se produz”. A proposição é clara: há uma amnésia estrutural que diz respeito à autorização de tornar-se analista, e é por isso que a esperança pelo futuro da análise não passa pela criação de procedimentos que prolongam a formação. Mas, como Lacan afirmou, a esperança provém da apreensão da relação com o ato antes que a análise se precipite na experiência. É isto que funda a estrutura do dispositivo sobre o testemunho que passa por intermédio do passador.

A estrutura do dispositivo do passe que inclui um terceiro entre o candidato e o júri, a saber, o passador, parte de uma razão fundamental: não nos endereçamos da mesma maneira a um interlocutor que está em posição assimétrica, a não ser que ele esteja em posição de par. Existe, de fato, para a IPA um dispositivo que

permite acolher o testemunho da experiência que implica o encontro, digamos, direto entre o candidato e um avaliador.

Por exemplo, para ser admitido em uma análise didática, o candidato presta contas diante de um ou dois membros da instituição de sua psicanálise terapêutica. O testemunho de sua própria experiência constitui um ponto de aproximação com o dispositivo do passe. As similitudes param aí, pois Lacan, com a invenção do dispositivo do passe, introduz uma novidade no testemunho analítico. Isto não implica tanto a idéia de um intermediário entre o candidato e o avaliador, mas a idéia de um provável benefício a ser obtido quando nos dirigimos a alguém suposto estar num momento da experiência da análise que não difere muito do momento no qual se encontra o passante no momento do passe.

Em outras palavras, o passador não está em posição de grande Outro do passante, ele não está num momento em que é preso pelo efeito de opacidade do tempo sobre o ato, dado que ele está aquém, ele também não é suposto estar em posição de semelhante que compreende o passante, mas num lugar em que os efeitos de interferência imaginária são reduzidos ao mínimo. Notemos, portanto, que a eficácia da experiência reside numa dupla: o passante e o passador. A questão é que desde que se introduz o passador, implica-se o conjunto da Escola, pois seus passadores são designados pelos A.M.E. e os A.M.E. são designados pela Comissão da Garantia. Uma razão a mais ainda para sustentar que um passe é passe no interior de uma comunidade de Escola precisa. Ora, constatemos que a questão da designação dos passadores é levantada, de maneira recorrente, em nossa Escola e em outras, aliás, com a dificuldade de estabelecer critérios. Isso responde, sem dúvida, a razões de estrutura. As razões analíticas para designar um passador podem variar conforme o caso. No entanto, e está aí o ponto que justifica minha exposição, há dois fatos clínicos maiores que devem chamar nossa atenção.

Primeiro, freqüentemente os passadores são designados, pelo menos na França, num momento que não está muito longe do começo de sua prática como analista. Quando digo que não está muito longe é porque a designação precede pouco ou não vem muito tempo depois da autorização como analista. Às vezes, quando se trata de alguém instalado em sua prática, a designação intervém num momento em que se destaca uma mudança quanto a sua posição na prática. Insisto, não são critérios, mas uma constatação que não dá conta do conjunto das designações, mas de um grande número. Há, portanto, um momento clínico, o da designação do passador que traduz, freqüentemente, os efeitos localizados na análise no que diz respeito à autorização do passante como analista. Segundo, o momento em que um candidato se apresenta ao passe é mais variável: uns, e é o mais raro, o fazem no momento em que se autorizam como analistas e, outros, que é mais freqüentemente, quando se considera que a análise chegou ao seu fim.

Notemos, portanto, que isso tem uma incidência considerável sobre o passe, pois em um caso, se o passante não está longe do momento de sua autorização como analista, isso permite constituir um par, como Lacan o desejava, a saber, o passador e o passante como algo próximo de uma um par simétrico. Assim, se o passador “é o passe”, segundo a formulação de Lacan, o passante é suposto elucidá-lo, ou seja, produzir a elaboração que marca um intervalo em relação àquilo que ainda não está desatado no passador. No outro caso, se o momento da autorização está muito atrás, isso quer dizer que participamos da fabricação de um dispositivo que é inverso ao da IPA, mas não menos problemático. O que chamo de inverso seria uma dessimetria que passa pelo fato de que o passante se apresenta

para o dispositivo para prestar conta não de um momento eletivo de um percurso, mas do acúmulo de sua experiência como analista. Certamente nada impede que alguém possa apresentar-se ao passe muito tempo depois de sua autorização como analista. Mas não se compreende qual seria o benefício para ele ou para a psicanálise. Isto permite sustentar o que funda o dispositivo não é elaborar constatação sobre a experiência provada, para isto existe o título de A.M.E., mas o que funda a experiência é a aposta do analista por vir. E o termo aposta é legítimo porque assim como o ato que depende de suas seqüências, o desejo não é avaliado senão a posteriori.

A partir de então, a questão é: queremos um dispositivo que garanta um desejo ou que garanta o ato? Se este for o caso, resta-nos promover em nosso discurso que os candidatos ao passe sejam aqueles que possam testemunhar o *Nec plus ultra* da experiência, sabendo que a garantia sobre o desejo é impossível. Acredito, portanto, que isso tenha um interesse apenas relativo que é o de confirmar por uma nomeação aquilo que o candidato, por seu percurso conseguiu sem dúvida fazer passar de outra maneira: por seus trabalhos ou pelos efeitos analíticos sobre seus analisantes, por exemplo.

Acredito que o benefício essencial do dispositivo tem a ver com aquilo que o desvio temporal entre o passador e o passante, ainda que não mensurável, deve corresponder a uma lógica temporal em que a disparidade subjetiva a respeito do momento do ato, deve ser – na medida do possível – reduzida. Esta lógica temporal é, assim, introduzida pela designação do passador, e ainda que nada o obrigue, por sua vez, a se apresentar ao dispositivo, seria lógico que num tempo não muito distante ele pudesse concluir este momento tornando-se passante.

Concluo. Temos, daqui por diante, uma escolha a fazer, histórica, que é contar com o analista que está por vir e levar a sério a proposição de Lacan no que diz respeito ao não-analista, isto é, aquele que não o é ainda, como fiador da psicanálise.

De outra forma, não faremos outra coisa senão fazer uma política do passe para manter aquilo que Lacan chamou de “o estado delirante de deferência pelos mais velhos”.

Tradução de Cícero Oliveira e Dominique Firgermann

## Decisões

Patricia Muñoz

«Se o analista se criva do rebotalho de que falei...é nisso que deve ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado de todos - o horror de saber».<sup>33</sup>

Sabemos que o passe é um dispositivo que Lacan oferece a sua Escola três anos depois de sua fundação, sua função essencial é elucidar esse momento de passagem de analisante a analista. Este dispositivo esta no coração de nossa Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano e é essencial para a manutenção e ensino da psicanálise. Na proposição de Lacan de 9 de outubro encontramos que ainda que o princípio que rege a Escola é que o analista se autoriza por si mesmo, isso não exclui que a Escola garanta que um psicanalista surge de sua formação; diz ali que

<sup>33</sup> Lacan, J. Nota Italiana. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p.313.

ele pode e deve. E o analista pode querer essa garantia. Mas antes que chegue esse momento do passe é necessário fazer uma análise e, nesta, o início e o final são momentos em que está implicada a decisão do sujeito; esses momentos são momentos de separação, são uma decisão sem contar com o Outro.

Há também a decisão de ser analista (que não é um “querer ser”) pois o fato de apresentar-se ao passe é uma decisão diferente: demandar o passe é incluir o Outro da Escola.

Também está implícita na decisão uma aposta, algo que se pode perder, ou melhor, a aposta está perdida desde o princípio, ainda que o sujeito não o saiba. Essa aposta se trata de um ato, uma vez que ela está em relação como objeto “a”. O ato é a via por onde se encontra sua certeza. Tendo em vista o título de nosso trabalho nos perguntamos que relação há entre decisão e eleição, no dicionário de filosofia se fala de decisão como um conceito básico dentro de um grupo de noções nas que figuram também as de ação e eleição. Há um outro sentido de decisão que se pode qualificar de existencial, não somente “decidir entre” senão um “decidir-se por”<sup>34</sup>. No dicionário de Maria Moliner, decidir vem do latim “decidere” de “caedere” cortar, também é: acordo, decreto, veredicto, ato voluntário, determinação, resolução, fim da deliberação, juízo que contém uma solução.

Decidir é escolher, é tomar posição, é uma aposta, é renunciar a um possível todo, cortar com algo. Implica um grau de certeza, a decisão é um juízo que leva a uma conclusão, é completamente contrário à inibição e à dúvida.

Por isso o título desta apresentação: Decisões. Mais precisamente a história das decisões, que geralmente vão contra o estabelecido e aceito, por isso veremos uma breve história das heresias e ao final ilustrarei a questão com minha experiência pessoal.

Dessa maneira, existem vários momentos na história das decisões que concernem à relação de um sujeito com o inconsciente: um primeiro momento, a análise, o passo ou o ato de decidir entrar em uma análise e o ato de decidir a saída, discernir o ponto no qual se esgotou para o sujeito o que do inconsciente pode ainda esperar do Outro e o que ficou como resto. Aí poderia terminar tudo, mas pode haver uma escolha, uma decisão de ocupar para outros o lugar de analista, sabemos que isto será questionado na análise. E um terceiro momento, o ato de decidir apresentar-se ao passe, esse ato tem em si mesmo, uma lógica adicional que faz com que Lacan o determine mais como um salto do que como um ato.

Nos tempos lógicos também está implicada uma decisão de juízo que precipita o momento de concluir: esta é a afirmação como decisão sobre si mesmo, pela qual o sujeito conclui o movimento lógico na decisão de um juízo que se apresenta logicamente como a urgência do momento de concluir. Urgência que além do mais suporta uma heresia do sujeito, uma ruptura com o saber prévio que lhe servia de garantia, que o aliena na segurança do Outro. É, seguindo Lacan, uma “afirmação sobre si mesmo que aponta para a incógnita real do problema frente ao desejo do Outro como um atributo ignorado do próprio sujeito...De tal modo que é essa afirmação sobre si mesmo pela qual o sujeito conclui o movimento lógico na decisão de um juízo.”<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Dicionário de Filosofia, José Ferrater Mora, Editorial Ariel. Tomo I (pp.786-787) Barcelona, 1999.

<sup>35</sup> Lacan, Jacques. Escritos I El tiempo lógico y el acerto de certidumbre anticipada. P. 28-29 Siglo XXI Barcelona 1974.

No seminário *O Sintoma*, Lacan nos diz “ É um fato que Joyce escolhe, pelo que é como eu, um herege. Porque o herege se caracteriza precisamente pela Haeresis, que em grego é escolha. Há que se escolher o caminho pelo qual alcançar a verdade, ainda mais quando, uma vez realizada a escolha, isso não impede submetê-la a uma confirmação, quer dizer, ser herege no bom sentido, aquele que, por haver reconhecido bem a natureza do sintoma, não se priva de usá-lo logicamente, ou seja até alcançar seu real ao final do qual não há mais sede”.<sup>36</sup>

Existem hereges e hereges, ou seja, há alguns que seriam hereges no bom sentido, seriam os que se submetem há uma confirmação, como a do passe, por exemplo. Poder usar o sintoma logicamente, até alcançar seu real, por haver reconhecido sua natureza. Diz que a partir daí não haverá mais sede, refere-se à busca da verdade, é esse caminho que se percorreu para encontrar a verdade e que se esgota.

Um pouco mais adiante Lacan nos convida a abordar as realidades humanas, sobretudo na experiência religiosa e especialmente o que ali se articulou sob o termo de conflito entre dogma e heresia, o que se traduz concretamente no conflito entre graça e liberdade. A noção de graça é muito precisa, *graça* é benevolência, favor, disposição amistosa, favorável ou protetora em relação a alguém. Ajuda sobrenatural concedida por Deus ao homem para o exercício do bem e a conquista da bem-aventurança.

O dogma se define como norma da fé verdadeira; há que se crer na doutrina e no dogma, só os cristãos que têm fé e que praticam obtém a graça de Deus e a vida eterna, quem se opõe ao dogma é condenado como herege.

Lacan nos diz que a história das heresias tem a ver com certas direções da ética concreta das gerações. Essa história remonta aos séculos I e II, está associada aos concílios, o de Nicomea (ano 313) impõe a Arrio uma confissão sob pena de excomunhão. Há especialmente uma polêmica importante que quero considerar, trata-se de Pelágio, que viveu no século V e foi um monge asceta, porém nunca foi um clérigo, era alguém versado em teologia e tinha uma extensa educação. Suas idéias fundamentais foram condenadas pela igreja como heresias, considera o *liberum arbitrium*, quando está fortalecido pelo ascetismo, como suficiente em si mesmo para desejar e conseguir o nobre ideal da virtude, suas idéias estão baseadas nos estóicos.

Para ele, Deus havia provido o homem em sua natureza humana da livre vontade e do dom do discernimento entre bem e mal. Enfatiza a confiança do homem em si mesmo e em sua capacidade de livre arbítrio, descreve a consciência como autônoma, independente e livre, sem possibilidade de sofrer nenhuma intromissão, livre, emancipada de Deus, capaz de praticar toda virtude e evitar todo o pecado. O homem não necessita da graça, tem o exercício de sua liberdade. Para Pelágio, não é pela graça que o homem se salvará, senão que é livre para escolher e para salvar-se tem que se esforçar.

A experiência da psicanálise ilumina este percurso pela concepção de liberdade e de escolha na religião. Voltemos ao que tínhamos proposto inicialmente quando introduzi três momentos em que estão em jogo uma decisão do sujeito e que se apresentaram assim na experiência pessoal.

O primeiro momento: a decisão. O passo de entrar em análise foi nomeado desde o princípio como: “Atirar-se ao Cauca.”. O Cauca é o segundo maior rio da

---

<sup>36</sup> Lacan, Jacques. Seminario El Sinthome (p.15) Editorial Paidós. Buenos Aires.

Colômbia, nasce no Andes e é um rio conhecido por ser perigoso e traiçoeiro era, portanto, uma decisão entre a vida e a morte. Os sintomas eram essencialmente inibições e fobias. Durante a primeira análise pela morte da mãe produziu-se um efeito de expulsão que não pode ser manejado em análise, a transferência silenciou e se instalou na França, por isso decidiu-se ir a esse país para continuar a análise. A análise tinha um fim, era como uma promessa que encontrava na teoria de Lacan e foi necessário atravessar o Atlântico, aprender outra língua e introduzir-se em outra cultura para terminá-la. Esse momento pode ser denominado “a travessia do Atlântico”.

É um atravessamento que atravessa o sujeito e por isso este já não é mais o mesmo, não é só lançar-se na água, “atirar-se no Cauca”, senão também atravessá-lo e chegar ao outro lado, certa vez o analista no momento em que se referia de novo a essa frase, disse: “Já está do outro lado”. Mas ainda seria necessário “correr muita água debaixo da ponte” antes que a análise terminasse. Também havia que desprender-se de algo que se sentia como o mais próprio e que ninguém o poderia tirar, consentir em perder o mais valioso que tem a ver com o gozo, pôr tudo sobre a mesa. Recordo uma intervenção de meu analista na qual me diz: “Não há mais referência do que a que um tira de sua análise”, é a necessidade lógica de concluir, é um ato e uma decisão que permite sair da análise, não a qualquer preço, há que se pagar um preço, o que se põe na mesa de jogo, a aposta. É o encontro com a castração e a perda que leva a concluir e terminar uma análise.

Houve um final em dois tempos: é um sonho, o inconsciente que produz enigma, o que impulsiona a tomar a decisão de voltar para a análise e conseguir chegar a sua conclusão. Trata-se de um sonho no qual se tem que entregar uma mensagem ao analista, mas se encontram muitos obstáculos, não deixam entregá-la, iam matá-la, os personagens são pessoas conhecidas da psicanálise. Entretanto, é uma decisão tomada, entregar essa mensagem, era uma informação valiosa, em seguida aparece no sonho uma palavra completamente enigmática: “Ranelagh”.

Tratando de decifrar o que queria dizer essa palavra, ressoa o nome de Lacan e de Otto Rank, pensa-se na angústia de nascimento e na morte, além disso, tem a ver com a psicanálise. Logo se recorda a referência que tem Lacan:

“...à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuada em sua cabeça raspada enquanto ele dormia.”<sup>37</sup>. Também evoca o romance de Gabriel Garcia Marques “Crônica de uma morte anunciada”.

Quando em análise se trabalha o sonho, impõe-se uma frase: a quem se deve matar! É uma frase que soa horrorosa, mas que implica também estar disposto a tudo! Estar disposto até a morrer.

Com este último sonho, no qual o escravo mensageiro leva sem sabê-lo a mensagem que o condena à morte, o que surge é a idéia de não retroceder a matar alguém para sobreviver. Estar disposto a tudo, até morrer, arriscar a morte para viver. É dar a cara à morte, tem a ver com o dizer como um ato ético e o efeito que isso tem sobre a vida do sujeito. A palavra enigmática revelou-se um nome muito conhecido em francês, além de ser o nome de uma rua em Paris. Esta palavra apresenta, põe em cena a importância de fazer um lugar, ocupar um lugar.

---

<sup>37</sup> Lacan, Jacques Subversión del sujeto y dialéctica del deseo. Escritos.

**Segundo momento:** durante o percurso da análise havia um querer ser analista que não era muito seguro e só em seu final se mostrou como uma escolha. O efeito da análise é uma mudança na estratégia do sujeito diante do Outro e da posição fantasmática: “passar despercebida”, fazer-se de morto, não falar, não dizer, isto se apresenta como um passar da imobilidade, do silêncio e da inatividade (que dava consistência ao Outro), a tomar posição, falar, atuar. Possibilidade de ocupar um lugar, é valentia, é enfrentar a ferocidade do Outro e deixar de alimentar essa ferocidade. Ferocidade que é uma interpretação de como goza o Outro. E a suposição de uma vontade do Outro vivida com expulsão. Uma vez atravessado esse limite revela-se a inconsistência do Outro. Somente atravessando este ponto se pode chegar a ocupar o lugar de analista para outros e existe a possibilidade do ato analítico.

**Terceiro momento:** o passe. Dissemos que esta decisão é diferente das outras duas, que Lacan chama um salto, se o final de análise tem a ver com uma conclusão, uma mudança de posição do sujeito e que este pode dizer as razões, creio que o passe se dá como uma consequência. Queria ter uma perspectiva diferente, poder encontrar a lógica do percurso e por isso a experiência do passe era importante, era também chegar às últimas consequências. Apresentar ao passe era uma questão inevitável, uma consequência lógica, estava dentro da pendência que se havia escolhido. Também tinha a ver com a relação com a psicanálise. Como dizíamos antes, seguindo Lacan, no percurso para encontrar a verdade, se reconhece a natureza do sintoma e se pode utilizá-lo logicamente alcançando seu real e se pode procurar submeter-se a uma confirmação: “Ser herege no bom sentido”.

Tradução de Luis Guilherme Mola

### **Passe de ontem, passe de hoje**

Albert Nguyen

Se fosse para nada mudar na maneira como funciona o procedimento, omitindo-se atualizar o passe, não haveria nenhuma necessidade de organizar esta jornada. O passe, o da nossa Escola, não pode contentar-se com ser idêntico ao que foi antes. Penso que é preciso considerá-lo hoje ao mesmo tempo como a atualização das opções que instalam a EPFCL em um lugar claramente distinto das outras Escolas e, por outro lado, torná-lo acessível ao maior número, aliás, uma coisa, sem dúvida, não funciona sem a outra: parece-me que para isso precisamos inventar. Alguns de nós fizeram a experiência do passe anteriormente, então podemos analisar o que tiramos dela, uma vez que havia o que tirar, mas também podemos fazer a crítica dessa experiência. E para lá desse exame, resta-nos “inventar” um passe que esteja de acordo com a realidade de nossa Escola hoje. Haver poucas demandas de passe é um fato, e são múltiplas as razões desse número reduzido de demandas. Para andar depressa, direi que isso se deve aos dispositivos institucionais complexos para muitos de nós e à juventude da Escola. Muitos dos que chegaram no momento da cisão ainda não terminaram sua análise. Isto explica aquilo, os que se apresentam ao passe têm não raro há muito tempo uma prática de analista que não favorece o lado “*prestes a*” invocado por Lacan. Sem dúvida também que a política de integração dos recém-chegados à Escola tem sido demasiado tímida até agora.



Porém tem mais: primeiramente, parece-me, não nos livramos não só da idealização do passe e de sua sacralização, da religião dos AE que conhecemos bem, do mistério que o envolve como também de inconvenientes que se devem aos ideais coletivos.

Mas, sobretudo, e a experiência dos cartéis antigos e recentes dos quais tive a oportunidade de participar, me leva a dizer-lhes que o principal obstáculo reside na confusão entre o passe e o fim de análise. E penso que essa crença se deve a uma leitura insuficiente da Proposição de Lacan e dos textos que a prolongam (por exemplo, “O aturdito”). O passe não é o fim. Por mais evidente que isso pareça a alguns de nós, muito freqüentemente as discussões sobre o passe giram em torno desse colapso passe-fim.

Parece-me que, precisamente, uma clarificação de nossas opções permitiriam separar o passe do fim. Ela poderia não só mexer nas representações que temos do passe como também teria a vantagem de torná-lo mais agalmático que enigmático e daria a muitos de nós a possibilidade de apreender em que, por ser capital no desenrolar de uma análise, o passe nem por isso é inacessível e misterioso. Sobretudo, se deslocaria esse amálgama passe-fim, responsável por muitos “Mas” que atrasam a entrada no procedimento.

Observo, aliás, que a questão do fim teria então um alcance muito maior, uma aposta epistêmica muito forte, preservando ao mesmo tempo uma clínica do passe que se centraria nesse momento de passagem da posição de analisante à de analista, ou seja, aquilo que até agora, e desde a época de Lacan, falta nos testemunhos.

Seria preciso acabar com essa história do passe como *nec plus ultra* da análise que, aliás, não existe e fazer dele antes uma operação, um momento de uma análise que possa, para lá da experiência de cada um, servir a outros, sobretudo aos membros da Escola, fazendo vir à luz um saber que volte a dar à experiência da análise seu valor convidativo.

Não há dúvida que isso poderia ter uma incidência sobre a duração, a extremamente longa duração das análises. Como fazer para encurtá-las? Certamente não decretando sua duração, mas conseguindo contrariar essa crença na necessidade de uma longa duração: descolar o passe do fim me parece, quanto a isso, uma opção a ser considerada.

Só existem fatos de discurso, e o discurso sobre o passe, até aqui excessivamente marcado pelo passado, é o único que poderá devolver-lhe esse poder convidativo, que poderia fazer bascular nosso título: passar de “O passe, penso nele, mas...” a um “Não penso nele, logo eu sou passante”.

Para delinear um pouco a separação entre passe e fim, gostaria de retomar a questão da satisfação do fim.

#### A satisfação do fim

No Prefácio à edição inglesa do Seminário XI, Lacan escreve: “A psicanálise, desde que ela existe, já mudou”, não vou desenvolver isso uma vez que foi abordado em diversas ocasiões no Seminário da Escola em Paris, vou só retomar a fórmula: “o inconsciente, ou seja, real, caso acreditem em mim”. Esse inconsciente real faz passar da história à hystória (com y).

E, nesse mesmo texto, a propósito do passe, ele coloca essa questão que provoca um trabalho na Escola: “fica a questão sobre aquilo que pode impulsionar alguém” (é

uma impulsão, não um pensamento), “*sobretudo depois de uma análise*” (isto é, sobretudo depois que se tenha desligado do que reconstruiu, sua história), “*ao hystorizar-se ele próprio*”.

Como pode vir-lhe a idéia de substituir essa função, por qual razão? Ele o atribui à satisfação do fim.

Deve-se deduzir daí que se o número de demandas de passe continua tão modesto, isso se deve ao fato de que essa satisfação não está sendo, para um bom número de analisantes, ainda alcançada? Pergunta que se pode fazer acompanhar de outra: Deve-se confundir o momento da demanda de passe e a obtenção da satisfação? Pois afinal, a satisfação pode não impulsionar a pedir o que quer que seja.

Pela razão dos contrários, não seria antes o momento de desnorteamento, de destituição, de angústia que assinala o “*prestes a*” no qual se encontra o analisante na direção do fim que poderia ser apreendido para se apresentar ao passe?

Este ato, como todo ato, comporta a pressa. Esta toma em seu parêntese, a hystorização e a separação que ratifica o fim, por menos que se distingam a hystória e a separação final.

E seria interessante ter testemunhos, não obrigatoriamente daqueles que se apresentam ao passe, quando, é preciso lembrá-lo, trata-se primeiro de avaliar o que motiva o passante a querer ocupar este lugar do analista pelo menos assim como o que o analisante fez da fantasia e do sintoma no decorrer de sua análise ou saber se é verdadeiramente um fim de análise. Essa “*deriva*” contudo se produziu, e, portanto, a possibilidade de ter testemunhos sobre esse tempo entre o passe e o fim me parece justificar fazer disso uma prioridade.

O que ocorre antes de acabar, antes da separação?

O que ocorre entre o passe clínico e a separação do analista? Temos sobre esse ponto as indicações muito precisas de Lacan no “*Aturdito*”, o que não diminui em nada a utilidade de ter testemunhos.

É preciso admitir que se o sujeito se autoriza por razões outras que pelo *automaton* à instalação, é porque depois da deflagração do passe, ele encontra uma satisfação na análise, e uma satisfação tal que ele queira fazê-la saber a outros. Essa satisfação de resolução não constitui, entretanto, o fim da experiência, uma vez que ele precisa ainda se separar, resolução segunda, da transferência, e conforme modalidades que são próprias de cada um; a resolução da neurose se prolonga pela resolução da neurose de transferência que a ela se substituiu para que se possa falar de fim de análise. Em relação a esse ponto, incontestavelmente Lacan foi mais longe que Freud. Vejo nisso uma boa razão para não confundir o que se poderia chamar “*satisfação de passe*” e “*satisfação de fim*”.

A hystorização colocou a falta em seu lugar, e o passe – é o ponto que Lacan indica – consiste na colocação à prova dessa hystória, ou seja, as modalidades singulares do estabelecimento da relação com a falta na análise.

O “*Eu não penso*” do ato

É aí que vem o ato, e ele não depende de um “*Eu penso*”, seria preciso antes dizer “*eu não penso nisso, mas sou passante*”.

O ato se refere ao desejo que não se predica, mas do qual é preciso, ao contrário, ter analisado os desvios, as inibições, os impedimentos.

Para poder passar, é preciso ter-se livrado da procura da verdade, das disputas e dos avatares de sua história. Verdade e saber são incompatíveis, e se a satisfação do fim é “saber inédito”, ela só poderia incidir sobre o que é transformado por esse saber: as mutações subjetivas singulares.

Mas também a mudança, a transformação da relação com os outros: e é aí que a Comunidade de experiência que é a Escola encontra para cada um seu lugar e sua razão de ser.

O que se pode dizer ainda sobre a dimensão do ato reside nessa “urgência” que Lacan acrescenta ao dom da satisfação de fim. Lacan nos oferece uma espécie de estilo de fim que confere a essa satisfação um duplo caráter de vivacidade e leveza. Pode-se deduzir daí uma indicação quanto à direção da análise a seu termo: o “apressato” do analista, isto é, apressar-se pelo ato [*“se hâcter”*]. NT: condensação de *se hâter*, *apressar-se* e *acte*, ato], se posso dizer assim, o que não deixa de evocar o sem-concessão, sem adiamento sustentado pela certeza mesma que o fez psicanalista.

A partir desse modelo da pressa e do ato, se deveria poder pensar no passe e seu procedimento. O passe, a partir daí, responderia a essa urgência de que fala Lacan em relação ao fim e não ao passe, mas o passe assinalaria a entrada no momento de pressa, esse momento de concluir. É um passe na entrada no momento de concluir, e creio que seria bom não perdermos de vista que esse momento foi trazido por Lacan com o parâmetro da urgência. O procedimento poderia dar-lhe acolhimento.

Assim, a satisfação ligada ao trabalho efetuado na análise poderia se fazer acompanhar da satisfação de transmitir um saber que poderia servir à psicanálise. O AE está a serviço da psicanálise, uma vez que é dele que se espera testemunho do ponto em que se encontra em relação aos problemas cruciais da análise.

Creio que se pode estender a todos os passantes, e até mesmo aos passadores, este serviço prestado à Escola e à psicanálise. E pode-se até mesmo cogitar que esse saber transmitido torne a análise mais atraente nesta época em que ela é denegrida, mal colocada e para alguns “has been”.

O tempo do procedimento: uma outra lógica.

Vou abordar agora o que falta a meu título: “o passe de amanhã”, na medida em que hoje já é amanhã.

O passe amanhã é o passe tal como a Escola (de que falaremos... amanhã) o pratica e o deseja: um passe algo desmistificado, não mais idealizado nem colado ao problema do fim da análise, para tentar apreender esse momento do passe a analista no qual Lacan centrou sua Proposição com o “êxito” que ele próprio discerniu e sobre o qual reina sempre o mesmo silêncio, que deve ser distinguido do desejo do analista e do fim da análise.

Em outros termos, todos aqueles que decidiram praticar a psicanálise – especialmente nesses últimos anos – poderiam beneficiar-se dessa experiência única de pedir para entrar no procedimento, nem que fosse para nele construir com argumentos os motivos muitas vezes obscuros que os levaram a se autorizar, se posso dizer a “se autoarriscar”.

O verdadeiro problema reside em nossa capacidade coletiva para tornar claras as opções desta Escola no que diz respeito ao passe, de tal sorte que aqueles que fizeram a escolha do Campo Lacaniano depois de 98 possam estar interessados

nele. O nó da clínica e do político se ata aí, e não vejo outra solução possível, esta é minha proposta, fazer do passe um tempo da análise, fazer do passe um tempo lógico da análise.

Se quiserem, até então tratava-se, ao apresentar-se ao passe, de ter terminado sua análise e de fazer ratificar esse fim. Defendo hoje uma seqüência diferente:

**ANÁLISE -> PASSE CLÍNICO -> PROCEDIMENTO DO PASSE -> FIM DE ANÁLISE**

Da qual pode-se deduzir o seguinte:

Ou o procedimento do passe inscreve uma nova dimensão temporal, uma espécie de 4º tempo que se situa entre o passe clínico e o fim da análise, que efetivamente na experiência não se superpõem.

Ou, então, pode-se também pensar que não se trata de uma nova temporalidade: o procedimento corresponde, então, ao momento de concluir, concluir sobre o passe clínico, portanto, com essa vantagem de não situar o fim no ordenamento do tempo lógico, introduzindo com isso uma disjunção entre o tempo do procedimento e o momento da separação do analista: **PROCEDIMENTO // FIM DE ANÁLISE.**

Quanto a mim, considero interessante essa introdução da disjunção, pois ela poderia permitir separar passe e fim, a questão do fim da análise produzindo muito freqüentemente uma embolia tanto no passe como na nomeação de um AE.

Ou, ainda, valeria mais a pena conservar nosso habitual corte temporal do tempo lógico e dizer que o momento de concluir vai da entrada no procedimento ao fim efetivo da análise: o passe inaugura esse momento, e o fim da análise o conclui.

Nada impede, aliás, de inventar, fora do procedimento do passe propriamente dito, um dispositivo de coleta que diria respeito mais especificamente aos fins de análise e onde não se trataria mais de nomeação, mas simplesmente de recolher experiências sobre esse ponto que poderiam ampliar nosso saber.

Essa concepção do momento de concluir dividido em duas partes de alguma forma apresenta uma dupla vantagem em que pensei ao escrever este texto:

- poderia ser uma boa maneira de saber um pouco mais a respeito da condução das análises (e, conseqüentemente, da prática dos analistas), e
- desentrevando o passe do problema do fim da análise, com isso nos ensinando mais a respeito da passagem a analista, isso lado analisante.

O passe, leigo, supõe, se me permitirem, “apostatar” dos tons religiosos e solenes que o cercaram para dar lugar a mais ingenuidade (o termo é de Lacan), leveza e inventividade. E na urgência!

O passante seria aquele ou aquela que, na urgência, seria tomado por um desejo “imperioso” de ter de dizer ao cartel o que lhe acontece ou acaba de acontecer em sua análise (o que, diga-se de passagem, requer uma enorme mobilidade do dispositivo), de dar testemunho, de responder à pressão de um “isto é, sem demora”.

Pode-se, pois, conceber que o passe, nisso conforme o voto de Lacan, diga respeito aos analisantes apanhados, surpreendidos pelo passe, aos quais a Escola oferece essa oportunidade de dar testemunho desse momento de mutação subjetiva

O passe continua sendo uma experiência única, que não precisa de nenhuma sombra de mistério ou de elitismo, muito pelo contrário, ela pode ser feita com modéstia, mas, sobretudo, com algum traço de alegria. Não vejo o que poderia objetar ao fato de o passe ser alegre, mesmo acompanhado da angústia. Senão como ele teria a estrutura de um relâmpago? Defendo um passe leve, não sendo a leveza incompatível com o sério ou o grave, aliás a leveza é um nome da gravidade, e Lacan o dizia, a análise é tragicômica.

Então, para terminar com uma nota alegre, lhes proponho uma pequena fórmula: “passe para os jovens!... e para os menos jovens”.

Tradução de Sílvia Sobreira

## **QUINTO ENCONTRO da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano**

### **OS TEMPS DO SUJEITO DO INCONSCIENTE**

A psicanálise em seu tempo e o tempo na psicanálise

V Encontro Internacional da IF-EPFCL

São Paulo- Brasil

5-6 de julho de 2008

O V Encontro da IF-EPFCL parece ainda estar longe, no entanto a comunidade da IF-EPFCL já está trabalhando um pouco em cada lugar: as Jornadas da América Latina do Sul no Chile, Diagonais da Opção Epistêmica em São Paulo com Luis Izovich, as atividades do FARP de Buenos Aires, o Volume Preparatório, as Preliminares e a biblioteca do site, etc.

### **O VOLUME PREPARATÓRIO**

Ele foi preparado pelo CIOE e, como dissemos no editorial, ele será impresso em breve nas diversas zonas lingüísticas.

Eis o sumário:

**EDITORIAL : Ramon Miralpeix**

**O SUJEITO E O TEMPO**

O tempo do ato *Juan Guillermo Uribe*

Objeto Corte e tempo *Beatriz Elena Maya Restrepo*

Na hora da verdade: a *Juan Manuel Uribe Cano*

Interpretação, corte e tempo *Ricardo Rojas Gutiérrez*

Subjetivação do tempo no fim *Patricia Muñoz*

Os tempos do sujeito (est opus temporis) *Jorge Zanghellini*

Os tempos do sujeito no discurso *Susana Díaz*

Tempo do inconsciente e discurso da época :

progressão, regressão, destituição *Mario Uribe Rivera*

A temporalidade da transferência *Silvia Migdalek*

**A PSICANÁLISE NO SEU TEMPO**

A psicanálise no seu tempo *Jairo Gerbase*

Depois de 150 anos do nascimento de Sigmund Freud,

será que ainda há tempo para a psicanálise ? Silvia Arosemena, Dyhalma Ávila, Rebeca Campo, Sarah Cervantes, Rebeca Díaz, Maria de los Ángeles Gomes, Hildamar Vilá

LE TEMPS DE L'ANALYSE

O tempo da cura: as sessões a-temporais *Manuel Baldiz*

O evento imprevisto no âmbito da experiência analítica Ana Canedo com a participação de Mar Criado, Rosa Escapa, Christian Prado, Teresa Trias

O tempo, o inconsciente e a letra *Luís Izcovich*

O tempo que falta *Colette Soler*

### AS PRELIMINARES

Acabamos de publicar a Preliminar 5, escrita por Antônio Quinet (após as de Dominique Fingermann, Daniela Chatelard, Ramon Miralpeix, Bernard Nominé) e vocês ainda receberão 7 antes do Encontro. Vocês podem acessar estas preliminares no site do V Encontro

([www.vencontro-ifepfcl.com.br](http://www.vencontro-ifepfcl.com.br))

### AS NEWS LETTERS

As newsletter são enviadas todo mês com novas informações, a Preliminar do mês e sempre com um acesso direto ao site.

### A BIBLIOTECA ON LINE

Ela acolhe no site textos que vocês tenham escrito sobre os temas do Encontro

Enviem-nos para [analaauraprates@terra.com.br](mailto:analaauraprates@terra.com.br)

### COMISSÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL

Sonia Alberti (Brasil-CRIF)

Mario Binasco (Itália-CRIF)

Ana Diaz Patron (Argentina-CRIF)

Dominique Fingermann (Brasil- Presidente do 5\* Encontro)

Lydia Gomez Musso (Espanha-CIOE)

Ramon Miralpeix (Espanha-CIOE)

Luis Fernando Palacio (Colômbia-CRIF)

Antonio Quinet (Diretor EPFCL-Brasil)

Colette Soler (França-CRIF)

Marc Strauss (França-CIOE)

Angelia Teixeira (Brasil-CIOE)

### PROPOSTAS DE TRABALHO

Enviar o título e o argumento (15 linhas) antes de 10 de março de 2008 para o endereço da Comissão Científica: [vencontroifepfcl@gmail.com](mailto:vencontroifepfcl@gmail.com)

Os trabalhos deverão ser enviados antes de 30 de maio de 2008.

### ATENÇÃO ÀS DATAS DAS ASSEMBLÉIAS DA IF E DA ESCOLA

Julho de 2008 será o aniversário de 10 anos da iniciativa dos Fóruns e, portanto, um momento importante de balanço e de orientação. Para reservar as suas passagens não se esqueçam de incluir as datas das assembleias.

As assembleias da IF e da Escola:

Sexta, 04/07/2008, discussões sobre a experiência do passe na EPFCL

Segunda, 07/07 e terça de manhã, 08/07/2008: Assembleia da IF-EPFCL e votos

A ordem do dia será estabelecida posteriormente pelos Colegiados Internacionais (CRIF-CIOE-CIG).

### **INSCRIÇÕES**

Inscrições:

Até 15/12/2007: 100 euros

Até 30/06/2008: 120 euros

No local: 150 euros

**Para efetuar sua inscrição no encontro preencha a ficha de inscrição (no site) e envie juntamente com os comprovantes de depósito para o fax :(11) 3567-75 56**

**Obs:** a taxa estudante também é válida para os participantes de Formações Clínicas do Campo Lacaniano.

Depósito bancário em nome de:

**Fórum do Campo Lacaniano**

Banco: **Unibanco**

Agência: **7010** Conta: **124931-9**

### **INFORMAÇÕES**

Fórum do Campo Lacaniano São Paulo – FCL

Rua Tomás Gonzaga 551 – Paraíso – CEP 04006-001

Tel.: (11) 3567-7556 – [forumlacanianosp@terra.com.br](mailto:forumlacanianosp@terra.com.br)

**WEB** [www.vencontro-ifepfcl.com.br](http://www.vencontro-ifepfcl.com.br)  
[vencontroifepfcl@gmail.com](mailto:vencontroifepfcl@gmail.com)

### **LUGAR**

Universidade Paulista – UNIP (Campus Paraíso)

Rua Vergueiro, 1211 – Paraíso – São Paulo

### **HOTÉIS**

O V Encontro acontecerá na Universidade Paulista – UNIP (Campus Paraíso) localizada no centro de São Paulo no eixo Avenida Paulista, qualquer hotel escolhido ( na nossa seleção) é situado de 5 a 15 mn da UNIP.

Para os Hotéis escolhidos perto da UNIP: 5mn a pé do Mercure e do Formula 1( muito econômico) 15 mn a pé do Matsubara .

No entanto recomendamos os hotéis selecionados no bairro "Jardins", pois o bairro é mais agradável para sair a noite e para passear (livrarias, lojas, restaurantes) .

Estes hotéis estão situados na outras extremidade da Avenida Paulista , ou seja a 3 estações de metro da UNIP (Caesar Business – Mercure- Trianon)

Vocês terão mais detalhes no site e nossa agencia de viagem pode ajudar lhes para as reservas.

### **PASSAGENS DE AVIÃO**

Pensem em reservar desde já para poder se beneficiar das tarifas promocionais.

**WUNSCH é editado pela CIOE:**

M. Angeles Escudero [mgomes@caribe.net](mailto:mgomes@caribe.net)  
Lydia Gomez [lydiagomezmusso@telefonica.net](mailto:lydiagomezmusso@telefonica.net)  
R. Miralpeix [miralpeix@wanadoo.fr](mailto:miralpeix@wanadoo.fr)  
Marc Strauss [strauss.m@wanadoo.fr](mailto:strauss.m@wanadoo.fr)  
M Angéla Teixeira [cpangelia@uol.com.br](mailto:cpangelia@uol.com.br)  
Jorge A Zanghellini [zanghell@isis.unlp.edu.ar](mailto:zanghell@isis.unlp.edu.ar)